

# DE BORDEAUX ATÉ OSERIDÓ – TRAJETÓRIA, PESQUISAS E REFLEXÕES

**Julie Antoinette Cavignac**

Professora titular do departamento de Antropologia (UFRN)

A ideia deste texto, inicialmente escrito como memorial para fins de avaliação no concurso de professora titular da carreira do magistério superior no ano 2016, é apresentar a minhas atividades no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Exatamente vinte anos separam este memorial da minha entrada na universidade como professora efetiva. Trinta anos se passaram desde a publicação do meu primeiro artigo científico e da defesa do meu mestrado (1986), momento que marca minha entrada no campo dos estudos antropológicos sobre o Nordeste brasileiro. Ao longo deste artigo, irei destacar os pontos mais importantes da minha trajetória acadêmica na instituição em que trabalho até hoje, tentando mostrar como minhas inquietações, iniciadas pelo viés das relações entre a tradição oral e a literatura de folhetos, foram se desdobrando, pouco a pouco, em indagações sobre memória, questões identitárias, saberes locais, processos de patrimonialização. Da mesma forma, aproveito para descrever os caminhos que me levaram a reler a história e as produções teóricas da antropologia de inspiração francesa; reflexão produzida a partir da minha experiência brasileira que, ao final deste período de *décantation*, me levaram de volta à região de Bordeaux para pensar novas investigações.

memorial | memorial

## OLHANDO PARA TRÁS

Minha infância *bordelaise* explica, em parte, a escolha que fiz quando decidi vir para o Brasil para me tornar antropóloga: sempre hesitei entre o universo silencioso dos livros e o mundo que começava nas margens do rio Garonne, ao encontro do Oceano Atlântico. A escolha de me tornar professora do departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1996, representa um compromisso razoável entre essas duas aspirações: a do estudo e a das viagens. Antes de entrar na descrição, propriamente dita, das atividades acadêmicas realizadas, seguindo a ordem temporal e as sinuosidades da minha caminhada, acho necessário voltar um pouco sobre as razões que me levaram a escolher a antropologia como ponto de partida para pensar uma realidade vivenciada.

Forças contrárias constituíram minha formação pessoal: fui criada no meio dos livros e fui preparada, desde cedo, para o advento da revolução do proletariado. Criança, fazia visitas regulares à *rue d'Aviau*, nos Arquivos Departamentais da Gironde, onde meu pai trabalhava como arquivista paleógrafo, acompanhado do seu cachorro, Taupin de la Taupinière. Minha mãe nos carregava, eu e minha irmã Marie-Paule, para a biblioteca universitária de

Talence, onde trabalhava. Nesses templos da escrita, passei a gostar do cheiro de papel velho, da pesquisa minuciosa, dos ambientes calmos; minha convivência com os livros era cotidiana e natural. Durante as férias, lia o que minha avó paterna, professora de latim e francês, tinha na sua biblioteca. Meu avô Max, filho de vicultores da região de Libourne também, tinha um verdadeiro fascínio pelos livros de história e era ávido de conhecimento, sabia de tudo um pouco, era muito comunicativo e, claro, tinha sempre razão! Com minha madrastra, que tinha uma pequena gráfica caseira, aprendi os rudimentos da tipografia e da *mise-en-page*; havia poucos clientes e a atividade do negócio se resumia à impressão de uma revista europeia para açougueiros (!), *Euroviande*, na qual meu pai escrevia grande parte dos artigos. Membro ativo de várias associações locais e científicas, meu pai, Jean, me introduziu cedo nas *Sociétés Savantes* das quais participava, e me levava para assistir palestras entediantes. Especialista nas relações comerciais atlânticas do século XVIII, nas grandes famílias judias sefarditas que fizeram a fortuna de Bordeaux, na história do movimento operário e na história do tempo presente, era um pesquisador engajado: fundou o *Institut Aquitain d'Études Sociales* em 1968 e mantinha rigorosamente em dia a publicação do boletim – esta pequena associação científica local completou seu 100º número em 2016. Filho de coronel de polícia, meu pai se tornou militante do pequeno partido de extrema esquerda *Lutte Ouvrière* logo depois de 1968. Só me lembro vagamente de uma babá espanhola muito simpática, refugiada política, que escutava os Beatles e nos preparava, para o lanche, laranjas marinadas no vinho. Gostava de acompanhar meu pai, que sempre estava a fazer panfletagem na entrada das fábricas, vender o jornal de Arlette Laguiller na *rue Sainte Catherine* ou convencer as massas alienadas a se converter à ideologia marxista. Não perdia nenhuma manifestação do 1º de maio – desde então minha flor preferida é o *muguet* –, adorava as festas anuais do partido, acampamentos inspirados da onda *beatnik* onde se repensava o mundo comendo *méchoui* com os camaradas esclarecidos.

Passei minha adolescência na Cité du Grand Parc, conjunto habitacional planejado no final dos anos 1960, destinado a receber famílias modestas e os imigrantes após o boom demográfico dos anos 1950. Aprendi a conviver com a violência banal desta *banlieue* entediante e convivi com a desigualdade social que o Estado francês tentava esconder nas *cités-dortoirs*. O Bordeaux do final dos anos 1970, logo depois da primeira crise do petróleo, era marcado pelo início da era do consumo, num contexto de depressão econômica. A moda da música yeah-yeah-yeah, das franjas curtas, das minissaias com meias altas começava a passar, o formica e a *cocotte-minute* reinavam nas cozinhas, muitos aparelhos de televisão eram ainda em preto e branco, o telefone era um luxo que poucos conseguiam. A França se abria ao mundo e se rendia à modernidade; os adolescentes tinham seus *tourne-disques* nos quais se escutava LPs de música latina ou antilhana, ska, reggae, disco, etc.; nos últimos anos da década de 1980, grupos de punk e de rock surgiram em Bordeaux; muitos iniciaram sua carreira artística na Salle des Fêtes du Grand-Parc, que se transformou numa das principais cenas musicais da cidade.

Este cenário ajuda a explicar como e por que a antropologia se apresentou como uma continuação lógica dos ideais e das aspirações intelectuais que me foram passados por meus familiares, mas, também, pelas experiências que vivi junto às transformações da sociedade francesa que, em 1981, entrava numa era socialista com a eleição de François Mitterand. Diante disso, o Grand Parc se apresentava como um mundo desesperadamente fechado e sem futuro, cuja realidade cotidiana era violenta e miserável, apesar das promessas socialistas, consolidando-se em um universo que entrava frequentemente em choque com as referências culturais e as bizarras escolhas políticas do meu pai, um dos raros *conservateur d'archives* trotskista.

Como nunca tive gosto nem talento para as ciências exatas, ao sair do *lycée* Montesquieu, entrei no curso de sociologia na Universidade de Bordeaux II em 1983, no bacharelado em sociologia e na licenciatura de etnologia, obtendo esta titulação respectivamente nos anos 1984 e 1986. Paralelamente, iniciei uma licenciatura em espanhol e português que tive que abandonar rapidamente por causa da sobrecarga de trabalho. Foi meu primeiro contato com a língua portuguesa e com a cultura brasileira. Fiquei apenas frequentando as aulas de uma professora substituta paulista que me fez descobrir o universo musical do Brasil – Bossa Nova, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jorge Ben Jor; o livro sobre as ligas camponesas no Nordeste<sup>1</sup> que ela me indicou conta entre meus primeiros livros, com os de Jorge Amado. Macunaíma, Grande Sertão: Veredas e alguns outros se seguiram, desta vez, em português.

Logo me identifiquei com o curso de etnologia que funcionava na antiga faculdade de Medicina da *Place de la Victoire* e decidi abandonar meus colegas sociólogos, ocupados em organizar uma exposição comemorativa do centenário do primeiro “Curso de pedagogia e de ciência social” ministrado por Émile Durheim em 1887; o imponente prédio conserva até hoje a memória do fundador da sociologia e de Pierre Métais, aluno e confidente de Marcel Mauss, que se tornará o mestre dos meus primeiros professores de antropologia. Irei apenas citar alguns deles que tive contato naquela época: Christian Mériot, especialista dos Sami que dirigiu durante muitos anos o departamento, manteve a tradição de uma antropologia iconoclasta e “hiperconcreta” que, anos depois, se tornou um amigo pessoal; Jean-Michel Charpentier, etnolinguista, nos levava para as Novas Hébridas durante suas aulas, e, finalmente, Bernard Traimond<sup>2</sup>, na época professor de economia do ensino médio, que nos fez descobrir as Landes de Gascogne, cenário perfeito para realizar etnografias *at home*, uma modalidade de pesquisas que se generalizaram em todo país nos meados dos anos 1980. Tínhamos, ainda, aulas com etnopsiquiatras que vinham falar das suas experiências nos hospitais da África e com jovens estudantes que voltavam do campo, trazendo um pouco de exotismo para os anfiteatros escuros da velha faculdade e para o nosso cotidiano provincial. Foi também nesta universidade que, pela primeira vez, ouvi falar das populações indígenas (os ianomâmis) e sobre os mitos amazônicos. Logo, então, me decidi a seguir os passos de Claude Lévi-Strauss, após uma leitura rápida de *Tristes Trópicos*, que da região das Landes foi diretamente para o Brasil.

Na Victoire, as disciplinas eram ministradas por etnógrafos que nos ensinaram a pensar o campo, antes da teoria. As conversas iam se prolongando no Chez Auguste, tradicional *café-brasserie* da praça que reúne até hoje a fauna estudantil *bordelaise*. Apesar da total inexperiência da turma, no final do semestre, tínhamos que produzir uma pequena etnografia para validar nosso certificado; e, para finalizar o certificado Europa, escolhi estudar uma realidade próxima, porém estranha à minha vivência urbana: ensaiei um levantamento genealógico de “4 gerações de camponeses” da família Peyrou, na região de Périssac, pequena cidade onde minha família paterna tem uma propriedade rural. Sem nenhuma pretensão teórica, queria descrever e comparar os modos de vida, as formas de trabalho, a relação com a terra e o que significava ser camponês para as diferentes gerações de viticultores; hoje, mais de 30 anos depois, este singelo ensaio traz a lembrança de um campesinato que estava entrando na era da mecanização e da mundialização da economia. Este primeiro artigo publicado em revista, no *Bulletin de l'IAES*, foi revisado por meu pai e ilustrado por minha irmã, que elaborou a capa e os mapas<sup>3</sup>.

Como outro trabalho de fim da *licence*, escolhi realizar uma pequena pesquisa sobre a sociabilidade e a frequência de um bar-rock, Le Luxor. Foi minha segunda experiência etnográfica; nesta ocasião tive contato com alguns

grupos de rock em Bordeaux. Nos fins dos anos 1980, a cidade fervilhava, apesar do marasmo econômico e político, com o fim da era Chaban Delmas; vários grupos musicais surgiram logo depois da onda punk. A cidade, vista como burguesa, era cinza e vivia do seu passado mercantil, com um porto desativado e decadente que se transformou numa zona de delinquência e prostituição. Na época, não se via perspectivas de mudança e este clima opressivo desencorajava os jovens oriundos das classes operárias e médias. No entanto, o ódio ao sistema e a violência expressos nas letras das músicas eram muito mais simbólicos do que reais. A cena rock da época era um bom laboratório para uma jovem aprendiz de antropologia. Minha experiência rendeu um pequeno artigo em 1988 sobre o público e as formas de sociabilidade de um bar onde eram organizados concertos de rock<sup>4</sup>. Apresentei um primeiro trabalho num congresso científico, acompanhando meu pai no Comité des Travaux Historiques et Scientifiques em 1985, em Lyon. Mais tarde, em 1991, retomei o assunto, descrevendo a dança, o pogo, que se reivindicava como uma manifestação de virilidade, ira e estética rock<sup>5</sup>. No entanto, a etnologia francesa, quer dizer, o estudo das sociedades camponesas e a realidade urbana que me eram familiares, não representaram para mim, na época, campos atraentes para construir uma carreira acadêmica. A antropologia feita em Bordeaux se apresentava como marginal e, em contrapartida, oferecia poucas perspectivas acadêmicas.

Com o apoio do meu pai, segui o conselho dos meus professores, que me incentivaram a “subir” até Paris para ter uma formação mais sólida, uma vez que em Bordeaux não havia especialistas da América do Sul para orientar meus estudos. Na capital, tive um primeiro choque cultural: longe da minha província, me descobri com sotaque e tentei disfarçar hábitos inadaptados à vida parisiense. Em Nanterre, fui procurar o professor Jaques Galinier, especialista em sociedades mesoamericanas, sobretudo nos otomi, e amigo dos meus professores *bordelais*. Ele se tornou meu orientador, acompanhando-me até o doutorado. Após uma primeira conversa, que foi fundamental para a escolha do meu campo de pesquisa, iniciei meus estudos em Nanterre, cursando o mestrado (1986-1989) e o doutorado (1990-1994) no Laboratório de etnologia e de sociologia comparativa (LESC)<sup>6</sup>.

O quadro conceitual francês do final dos anos 1980 já estava se distanciando da perspectiva marxista. Em Nanterre, sobretudo, a antropologia simbólica dominava as discussões, com as leituras refinadas dos discípulos americanistas de Claude Lévi-Strauss, avançando nas pesquisas das lógicas culturais, acompanhando a virada de Marshall Sahlins da economia para a história. O Departamento de Antropologia e o Laboratório estavam sob a direção elegante e firme do africanista Eric de Dampierre, que ministrou para nossa turma o seminário doutoral; na ocasião, aprendi – na marra – a elaborar uma problemática, algumas hipóteses e propostas metodológicas mais ou menos consistentes. No entanto, não encontrava interlocutores para compartilhar minhas dúvidas pois, nos círculos que frequentava, eu era a única a estudar uma realidade brasileira que não pertencia a um contexto indígena; a tradição oral que estava querendo analisar, mesmo sendo um assunto clássico para os estudos de literatura comparada, também não seguia os cânones da antropologia, pois era preciso apreendê-la nas suas relações com a escrita, diante de uma sociedade brasileira cada vez mais urbanizada. Encontrava mais afinidades com os estudos africanistas, em particular com os de Pascal Boyer (1988) e os de Geneviève Calame-Griaule (1965) sobre a tradição oral africana, as discussões dos medievistas sobre os *exempla*, incluindo os de Paul Zumthor (1980; 1982; 1983), de Charles Nisard (1968) ou de Robert Mandrou (1964), e as pesquisas dos antropólogos especialistas dos contos populares num contexto francês como Geneviève Bollème (1971, 1986), Nicole Belmont (1986) ou Daniel Fabre (1969; 1986). Assim, na época, vários antropólogos passaram a revisitar os

trabalhos dos folcloristas realizados na Europa do século XIX com o objetivo de pensar os mecanismos da tradição oral e, de quebra, as relações entre o escrito e a oralidade. Encontrei minha inspiração nestes trabalhos e me propus a levar a reflexão para o contexto brasileiro.

Nos seminários temáticos e nas aulas teóricas que cursava em Nanterre, Patrick Menget, Alain Breton, Roberte Hamayon, Alain Babadzan, Pierre Smith, Eugène Fleischmann, Georges Augustins, Antoinette Molinié, Richard e Sally Price, Eduardo Viveiros de Castro, Luis Fernando Duarte - como professores visitantes - e muitos outros me auxiliaram a entender melhor as vertentes antropológicas e as perspectivas metodológicas que estavam surgindo com a crise da velha antropologia e com as críticas pós-modernas, cada vez mais presentes nas análises; apesar da resistência de vários antropólogos preocupados em estudar sociedades e culturas “originárias”. Acompanhava, também, as discussões da turma da antropologia urbana e ocasionalmente participava de seminários no Musée des Arts et Traditions Populaires com Martine Segalen, Françoise Zonabend, Jeanne Favret-Saada e Colette Pétonnet. Paralelamente, frequentava os seminários do Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain na École des Hautes Études en Sciences Sociales, na época dirigido por Ignacio Sachs e Marion Aubrée, que reuniam pesquisadores brasileiros de diferentes horizontes disciplinares e institucionais: fui introduzida, ali, à atualidade política da época, nas vésperas das Direitas Já. Havia também uma comunidade importante de estudantes brasileiros de pós-graduação no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) e nos departamentos de português da Sorbonne, que traziam grandes intelectuais brasileiros, como Darcy Ribeiro, o que me abriu os olhos para uma realidade até então desconhecida e bastante complexa. Mas quem me incentivou a iniciar uma pesquisa sobre a literatura de cordel foi Roberto Araújo, um dos fundadores da associação e da revista *Braise*, veículo de comunicação da comunidade brasileira em Paris nos meados dos anos 1980.

Logo, tinha que aprender o português para entender o universo da literatura de cordel, o que não foi imediato. Também verifiquei que havia muitos estudos já realizados, sobretudo na área de literatura por estudiosos brasileiros exilados, sob a orientação do professor Raymond Cantel, precursor dos estudos sobre o cordel na França, que tinha introduzido o assunto nas suas aulas na Sorbonne, mas que havia falecido há poucos meses. Sua esposa, Madame Paulette Cantel, me abriu sua biblioteca, que contava mais de 5.000 títulos coletados nos anos 1950-60: eu ficava regularmente em Poitiers ao regressar à Bordeaux, para ler e copiar trechos dos folhetos e me deliciava com as conversas e o almoço que minha anfitriã me oferecia. Meus primeiros contatos me levaram rapidamente até Idelette Muzart Fonseca dos Santos, que na época era professora na Universidade Federal da Paraíba; ela me indicou um dos seus alunos, Andrea Ciacchi, que encontrei pela primeira vez em Roma em 1986.

Patrick Menget, que me orientou no mestrado, foi o primeiro a recomendar a leitura de Claude Lévi-Strauss para analisar as tramas narrativas e os personagens do cordel; o entendimento do método estruturalista foi determinante para a perspectiva que iria adotar no tratamento das histórias nos estudos futuros. Definimos alguns temas-chave e personagens para a leitura dos contos moralistas que são os romances de cordel: matutos, fazendeiros, cangaceiros, profetas e o diabo, ao se enfrentar, auxiliam na resolução dos conflitos morais e, no final das contas, na reafirmação dos valores tradicionais. Outros estudos foram fundamentais para entender a importância do tratamento narrativo e os adotei como norte de pesquisa na dissertação que tratava das figuras e das representações dos personagens nos folhetos de cordel: A vida no barbante, de Candace Slater, livro publicado em inglês em 1982, o estudo de Arantes, publicado no mesmo ano, O trabalho e a fala (estudo antropológico sobre os folhetos

de cordel), Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930) de Ruth Brito Lêmos Terra de 1983 e a tese d'Idelette Muzart (1997), *Litterature populaire et litterature savante au Brésil: Ariano Suassuna et le mouvement armorial*, defendida em 1981 na Universidade da Sorbonne<sup>7</sup>. A especialista nas formas literárias orais do Nordeste foi a primeira a perceber a importância da voz na cultura e da palavra dita, seja ela em prosa ou poesia, improvisada ou decorada, declamada ou cantada. Assim, as relações entre o escrito e o oral despertaram meu interesse e encontrei um apoio conceitual na leitura de Jack Goody (1977) e de Pascal Boyer (1988). O resultado foi a dissertação de mestrado defendida em 1988 na Universidade de Nanterre (Paris10) e os principais resultados da pesquisa foram publicados em 1991, nas revistas do CRBC (EHESS) e Caravelle (Toulouse)<sup>8</sup>.

## RUMO AO SERTÃO

Logo depois da defesa do mestrado, frustrada em não poder ter feito uma pesquisa de campo, decidi “conhecer o Brasil”, já que não tinha tido a oportunidade de fazê-lo antes: fui viajar dois meses no Nordeste brasileiro, pois só conhecia o país através dos folhetos de cordel. Marion Aubrée e Idelette Muzart Fonseca dos Santos, professoras que me ajudaram a concretizar meu sonho, foram minhas guias e minhas madrinhas nessa primeira viagem. Na minha chegada, fui acolhida por Christine Dabat e Expedito, numa confortável casa histórica em Olinda, onde passei minhas primeiras noites em solo tupiniquim. Apesar de nunca ter retribuído essa generosa oportunidade, fico com uma dívida eterna por ter me proporcionado esses momentos iniciáticos. No dia seguinte, ao acordar, vi pela janela tucanos num jardim exuberante, com o sol escaldante e um céu estritamente azul. Descobri, com surpresa, que Recife não era o vilarejo de pescadores que imaginava. Os cheiros, os barulhos, os insetos monstruosos e o ar compacto e húmido que grudava na pele acabaram de me espantar e, ao mesmo tempo, me fascinavam. É preciso lembrar como era o ambiente desta capital do Nordeste no ano da Constituinte: a miséria crua, o caos e o fedor invadiam as ruas de Recife com as hordas de pedintes instalados nas calçadas. Assombrada, me refugiei na casa de Andrea e Lissia Ciacchi, jovem casal que havia conhecido poucos meses antes em Roma; na época, eles moravam em João Pessoa, cidade de dimensões mais humanas para uma provinciana como eu. Recuperei-me do susto, fazendo a aprendizagem do cotidiano e provando das delícias da praia. Mas meu objetivo seguia claro: tinha ido para o Brasil para conhecer o sertão. Então decidi viajar para Patos, Juazeiro do Norte, Fortaleza e Natal em busca uma ideia que poderia se transformar numa tese de doutorado. Minha jornada solitária foi a primeira e a única – a decepção entre o Brasil sonhado desde a França e a realidade que descobria foi enorme, mas salutar. Despida dos clichés, podia abrir os olhos para um continente desesperadamente complexo e descobri que, na verdade, estava procurando algo que existia apesar na minha imaginação; uma terra de poetas à imagem das xilogravuras, singela e graciosa<sup>9</sup>. Sem dominar o português, o mundo que descobria era caótico, violento e incompreensível para uma neófito iludida. Em Fortaleza, na ocasião de uma conversa com Eduardo Diatahy de Menezes num shopping center recém-inaugurado, após um *tour* solitário no sertão paraibano e cearense onde tive uma overdose de religiosidade popular, fiquei outra vez consternada em descobrir que tudo (ou quase) tinha sido escrito sobre a literatura de cordel e que especialistas não faltavam. Decidida a não repetir o que havia sido feito, procurei encontrar um “objeto” como o que topei, na praia de Zumbi, ao escutar um velho pescador cego recitando um verso de João Grilo.

Aconselhada por Jaques Galinier, e com o apoio de uma rede de amizade no Brasil cada vez maior, foi se formando a ideia de realizar um estudo etnográfico sobre as relações entre a escrita e o oral, projeto que se concretizou com a obtenção de uma bolsa da Fondation Charles Léopold Mayer pour le Progrès de l'Homme (FPH). A bolsa permitiu financiar parte da pesquisa de campo planejada com duração de um ano, entre julho de 1990 e agosto de 1991. Graças à intervenção de Marion Aubrée, recebi um convite da professora Danièle Rocha Pitta, que trabalhava na época na Fundação Joaquim Nabuco e na UFPE. No entanto, o contexto político conturbado, com a eleição de Fernando Collor de Mello, fragilizou as instituições de ensino e as iniciativas de pesquisa; tudo isso não foi favorável à minha inserção numa equipe de pesquisa – sem interlocutor (Danièle escolheu ficar na UFPE), fiz algumas viagens pelo sertão pernambucano à procura de narrativas, mas não consegui fazer muitos contatos. Após dois meses morando em Recife, dei-me conta que não iria conseguir nada ficando em Pernambuco onde conhecia pouca gente e, assim, decidi ir para o Rio Grande do Norte realizar a pesquisa. Neste momento, eu já tinha conhecidos que, por sua vez, tinham familiares no interior do Rio Grande do Norte que me abriram as portas das suas casas.

A ideia era diversificar os locais de pesquisa e levar em conta os contrastes entre os contextos etnográficos encontrados, já que meu universo de pesquisa era muito amplo e se concentrava nos detentores da memória. Fiz também alguns contatos na UFRN, em particular com a professora Ivanilda Pinheiro da Costa, que me levou pela primeira vez ao Seridó, na cidade de Carnaúba dos Dantas, onde fiz meu primeiro discurso em português (!) diante de uma plateia de idosos que nos esperavam ansiosamente antes do lanche e apesar do atraso causado por uma pane mecânica na kombi da universidade. Diante da recepção calorosa e devido à quantidade de informações coletadas em pouco tempo, escolhi a cidade de Carnaúba dos Dantas para ser um dos lugares da minha pesquisa. Dona Dezinha e seu esposo Valdemar Cândido Medeiros, então prefeito, me acolheram como filha e me ajudaram a encontrar interlocutores. A partir destes primeiros contatos, as pessoas me levavam para outros especialistas da palavra, nos sítios vizinhos da cidade. No final do dia, não sabia o que fazer com esta vertiginosa logorreia sem fim. No entanto, pensei que era importante não concentrar minha investigação numa única região, pois, além de não querer abusar da hospitalidade dos meus anfitriões, queria coletar informações em contextos políticos diferentes. Através da FPH, que mantinha parceria com ativistas da igreja católica ligados à teologia da Libertação, consegui outros contatos e procurei pessoas que desenvolviam projetos sociais com apoio de Ongs e de organismos internacionais. Após algumas hesitações, escolhi Augusto Severo, hoje Campo Grande, após um encontro caloroso com Padre Pedro Neffs, religioso holandês que implementou numerosos projetos de economia solidária, que me convidou inúmeras vezes a ficar na ampla casa paroquial. Acompanhava o padre Pedro para os locais onde ia celebrar missa; ele levava a equipe paroquial em cima do seu 4x4, correndo risco de vida, pois era ameaçado por fazendeiros pouco sensíveis à causa da Reforma Agrária. Desta forma, conheci Caraúbas, Upanema, Triunfo Potiguar, a Serra do João do Vale, Martins, entre outros; lugares pouco desenvolvidos que conservam viva a memória de uma presença indígena. Impossível aqui lembrar e retratar todos os momentos da pesquisa, mas conservo em mente as inúmeras viagens no sertão escaldante, em ônibus de linha que quebravam com uma certa frequência. Também guardo a intensidade dos encontros com pessoas que me contavam sua vida sofrida sem nenhuma hesitação. Algumas pessoas ficaram na minha memória: Seu Raimundo Luís e Seu Antônio Clementino, em Augusto Severo, D. Vitória, Seu Manoel Preto, França, em Carnaúba, Maelzinho, na Serra do João do Vale, etc. Parecia testemunhar e carregar os sofrimentos da humanidade

inteira. Entre 1992 e 1994, realizei mais duas séries de viagens para o sertão do Rio Grande do Norte para complementar os dados que faltavam.

A volta para a França, ao término do meu visto de estudante em 1991, foi outro choque. Tive que fazer um grande esforço para terminar minha tese de doutorado: sem bolsa e sem poder mais contar com um apoio familiar, tinha pressa para voltar para o Brasil, onde havia muito mais possibilidades concretas para iniciar uma carreira universitária do que na França<sup>10</sup>. Voltei a morar em Bordeaux, onde me concentrei para escrever a tese, apesar da situação financeira precária, intercalando a escrita com os bicos que sugiram. Aprendi que, para fazer uma tese de doutorado, não era necessário ter talento, mas era preciso ter tenacidade. Várias pessoas queridas me auxiliaram, se oferecendo para serem os primeiros leitores e corretores: a incansável Line Marié, amiga do meu pai e professora de literatura, o poeta-vendedor de jornal da rua Huguerie, Jean-Philippe Brisou, alguns colegas da faculdade. O trabalho solitário era doloroso, sobretudo quando o Brasil me chamava de volta, com suas festas e alegrias, tendo deixado lá Wernher, que iria se tornar meu companheiro de caminhada até hoje.

Entre 1991 e 1994, ministrei aulas na Universidade de Bordeaux a convite do professor C. Mériot, cobrindo a repentina ausência de um jovem professor. Apesar de não ter tido condições ideais durante os quatro anos que duraram meu doutorado, fui a primeira a defender a tese entre os alunos da minha turma. Participaram da banca, além de Jacques Galinier, os professores Patrick Menget, Idelette Muzart, Georges Augustins e Mario Carelli, já muito doente e que iria falecer pouco tempo depois. Logo depois da defesa, voltei para Natal como bolsista recém-doutor do CNPq, ingressando na UFRN, ministrando aulas nas pós-graduações em Letras e Ciências Sociais sobre temáticas da minha pesquisa. Tentei duas vezes o concurso de admissão no Centre de Recherche National de la Recherche Scientifique (CNRS), no qual fui classificada em ambos os anos, e o do Institut pour la Recherche et le Développement (IRD), no qual fiquei em segundo lugar. Não insisti em me candidatar na França, pois tinha decidido me instalar em Natal que, para mim, apresentava a vantagem de poder combinar meus projetos pessoais com uma carreira docente e a possibilidade de continuar a fazer campo. Passei no concurso da UFRN dois anos depois da defesa do meu doutorado, enquanto nenhum colega de Nanterre tinha conseguido uma situação profissional estável.

## O CORDEL, DO SERTÃO À CIDADE<sup>11</sup>

Antes de continuar a descrição da minha trajetória acadêmica, gostaria de fazer uma pequena pausa para expor os principais resultados da minha tese e os desdobramentos da pesquisa realizada com o auxílio da bolsa de recém-doutora; ideias que me guiaram durante toda minha carreira.

A ideia norteadora da tese pode ser resumida como sendo uma análise conjunta de diferentes regimes discursivos na busca de recorrências formais que indicariam a existência de uma matriz. Em campo, os registros se apresentam simultaneamente sendo os da literatura popular em verso, a memória destes textos, a tradição oral contendo os contos, as cantigas, as parlendas, os provérbios, as histórias de santos, etc., e o discurso sobre o passado. A partir de uma reflexão centrada nos principais itens evocados nas narrativas, foram definidas as ligações que unem uma literatura escrita específica – a dos folhetos de cordel – com a tradição oral. Ao propor uma comparação entre o escrito e o oral, torna-se necessário adotar uma perspectiva pluridisciplinar: usando os métodos da etnografia. Inicialmente, tive que examinar os trabalhos dos especialistas da literatura oral e da cultura popular, bem como foi preciso utilizar as fontes e

os resultados da história e, particularmente, os da história oral. Assim, a combinação dessas três perspectivas – antropologia / literatura / história – parece importante na hora da elaboração de um método adaptado ao objeto de pesquisa e à realidade social encontrada no sertão do Rio Grande do Norte.

A recorrência de alguns temas-chave parece ligada à profunda homogeneidade das histórias. A presença de um número limitado de esquemas leva a pensar na existência de uma matriz que gera, de um modo constante, novas histórias. Reduzidas às suas unidades elementares, elas podem então ser comparadas para deixar claro o tratamento dos fatos específicos e uma interpretação bastante estável dos acontecimentos históricos – elaborações simbólicas que pertencem à cultura local. Cruzando os diferentes níveis de realidade – observada, vivida e contada pelos próprios atores – torna-se possível descrever os elementos culturais sem deixar de lado seus aspectos dinâmicos. Se existe uma organização e uma encenação bastante estável do conjunto das expressões culturais nos textos, o estudo comparado entre os diferentes níveis de realidade pode ser proposto. A análise das formas narrativas – quando são estudadas nos seus contextos de enunciação – mostra a importância da oralidade nas dinâmicas culturais e revela uma visão do mundo bastante original, concepção inédita da história e das lógicas interpretativas dos eventos<sup>12</sup>.

A tese foi dividida em três grandes capítulos: a história e a visão do passado, a vida cotidiana e o universo sobrenatural. Entre os principais resultados da análise formal das narrativas, observei que os textos apresentam uma encenação codificada pela cultura das situações próprias à sociedade sertaneja, e que, sobre um outro ponto de vista, as narrativas propõem esquemas que permitem recompor e resolver, a um nível lógico, as situações da vida real que são muitas vezes conflituosas. Como, por exemplo, as tensões políticas, as desigualdades sociais, as relações familiares ou, enfim, as representações do passado. Por outro lado, ao constatar uma grande recorrência temática e ao descobrir a existência de um número limitado de esquemas narrativos, é possível visualizar uma organização homogênea dos itens culturais presentes nos textos. Se a maneira pela qual os homens organizam os seus discursos informa sobre a configuração geral da cultura, então, algumas formas narrativas correspondem a um conteúdo cultural definido e deixam transparecer as categorias lógicas pertinentes para compreender a visão de mundo dos sertanejos. Enfim, graças à análise da produção narrativa de uma sociedade particular, temos acesso aos níveis implícitos da cultura ou aos assuntos problemáticos como questões morais, religiosas ou conflitos de terra. Assim, a lógica cultural inscrita em filigrana nas narrativas teria a capacidade de organizar o pensamento e, ao mesmo tempo, poderia integrar acontecimentos novos; a cultura se reproduz e se modifica na ação (SAHLINS, 1989, p. 7-19).

J. Goody (1977; 1978; 1986) afirma que a escrita fixa e imobiliza o texto de uma vez por todas, além de corresponder a outros mecanismos cognitivos diferentes dos utilizados pela oralidade. O estilo oral seria tradicionalmente definido pela utilização de fórmulas e a repetição (TEDLOCK, 1971; 1983). Segundo os estudiosos, o oral e o escrito opõem-se, tanto do ponto de vista da elaboração das narrativas, quanto da sua transmissão. Ao contrário do que Jack Goody (1977; 1978) avança, demonstrei que, no caso dos folhetos e das suas versões oralizadas, a comparação entre as formas narrativas escritas e orais é factível. Ao colocar num mesmo nível essas duas formas discursivas, percebe-se que o cordel e a tradição oral funcionam de modo similar, tanto do ponto de vista da produção, mas, sobretudo, da transmissão, que é essencialmente oral – mesmo para os textos impressos. Há uma mistura de gêneros, pois o texto impresso é vendido para ser oralizado: orações são impressas nos folhetos religiosos ou ainda nos almanaques que são encontrados nos centros de romarias.

No caso das histórias contadas por nossos interlocutores, frequentemente são acompanhadas da recitação de trechos inteiros de romances ou uma reelaboração em prosa do texto impresso em verso. Assim, os dois níveis funcionam de modo semelhante: no escrito, é possível reencontrar a marca da oralidade; foram publicadas várias versões de um mesmo texto, diferentes autores ou edições existem para uma mesma estória ou, ainda, vários folhetos são escritos sobre um mesmo tema. Consta-se também um grau elevado de formalização das narrativas, característica da escrita, tanto na tradição oral como nos romances. Por fim, nos folhetos, a utilização de fórmulas ou de expressões da língua falada produz uma certa “mobilidade” do texto escrito quando a história é memorizada ou quando é reescrita por um outro poeta. Então, a escrita pode ser considerada como um complemento ou um prolongamento da oralidade. Fica difícil, desta forma, separar um do outro, do ponto de vista da forma, dos temas abordados ou mesmo dos “produtores” das narrativas. Se a escrita e o oral se misturam – às vezes até mesmo se confundindo – parece, então, necessário reavaliar os conceitos teóricos e os instrumentos metodológicos utilizados classicamente pelos pesquisadores, tanto na literatura quanto na antropologia. Enfim, o método etnográfico associado à coleta das narrativas revelou ser um caminho rico para descrever as modalidades das expressões culturais da região estudada.

Depois da tese, já como recém-doutora, propus levar esta reflexão para um outro universo social, o dos migrantes da Zona Norte da cidade de Natal, e mais particularmente, num outro registro de expressão da voz: o discurso sobre o passado. A pesquisa sobre as produções narrativas dos migrantes oriundos do sertão, morando numa zona periurbana da capital do estado do Rio Grande do Norte (Zona Norte de Natal) é a continuidade dos questionamentos feitos durante o doutorado: tentei examinar as transformações de uma cultura “tradicional” num contexto urbano<sup>13</sup>. Por meio de uma pesquisa etnográfica e da coleta de um corpus essencialmente narrativo, verifiquei que as criações textuais respondem a estruturas já conhecidas, à imagem do que tinha visto durante a tese. Para analisar a produção narrativa dos migrantes foi preciso iniciar questionando o discurso ligado ao passado, à origem, através de histórias de vida, lembranças, etc<sup>14</sup>. A identidade dos que partiram dos seus lugares de nascimento passa, primeiramente, pela referência a uma cultura e/ou uma história comum. No entanto, mais uma vez, na época da pesquisa, em 1995-96, encontrei poucos estudos sobre as formas migratórias do Nordeste, e mostrou-se necessário partir para uma pesquisa de campo, isto é, realizar um estudo etnográfico.

Os folhetos de cordel, os romances e os contos continuam sendo evocados por serem veículos de aprendizagem da leitura e da vida, onde os problemas sociais, políticos e econômicos são traduzidos em uma linguagem poética e formatados em uma estrutura narrativa conhecida por todos. Esses “textos tradicionais” têm uma função identitária: apesar de terem desaparecido da prática cotidiana, não existindo mais o seu contexto tradicional de enunciação, transformam-se no ambiente de vida cidadão. O “interior” não é mais a referência, passando a ser substituído pela Zona Norte, que é agora o novo lugar de vida e, com essa mudança, novos textos aparecem. Estes são ligados, geralmente, a uma experiência migratória positiva e correspondem a uma apropriação do espaço e da história do lugar. Mais do que uma pesquisa em termos territoriais, o estudo privilegiou, sobretudo, a investigação da memória dos migrantes, no sentido de traçar um perfil das múltiplas possibilidades de migração: dentro e fora do estado, da zona rural para a zona urbana e vice-versa. A atenção da pesquisa foi centrada nas histórias de vida peculiares, para depois poder tirar algumas conclusões sobre as possíveis transformações das referências culturais do mundo rural. A pesquisa sobre o universo narrativo de uma população de migrantes levantou uma série de interrogações sobre o potencial identitário dos textos coletados – as narrativas e as histórias de vidas.

O estudo revelou ainda a existência de redes migratórias e de solidariedade e foi preciso refletir sobre a significação dos retornos aos lugares de nascimento – para os acontecimentos religiosos, sobretudo, durante as festas do padroeiro –, e sobre o papel do migrante nessas festas comunitárias. A abordagem antropológica das memórias dos migrantes possibilitou estudar, de um modo diferente, os problemas ligados às cidades médias – como Natal – e iniciar uma reflexão sobre a importância social e imaginária dos grandes polos migratórios, como as capitais nordestinas ou as megalópoles do Sudeste. Um tal estudo nos traz também ecos da miséria, explicações sobre “a desgraça”, expressões do desespero, representações do espaço e percepções inéditas do mundo natural e social. Dessa forma, as narrativas da Zona Norte coletadas mostram como os locutores reinventam a sua existência individual, fazendo referência a elementos de uma história coletiva: datas, personagens, catástrofes e eventos históricos que funcionam como marcos da memória do grupo. Elementos que são lembrados, reinterpretados e incluídos no discurso a cada evocação do passado do bairro ou da própria vida pessoal. Em vez de um simples sumiço dos folhetos e da tradição oral, há uma proliferação de narrativas, acompanhando-se de uma recuperação da história local, sinal de uma boa adaptação ao novo local de vida. Esses novos textos unem elementos e seguem o modelo tradicional das narrativas da literatura oral. Continuam oferecendo uma racionalização do mundo social e sobrenatural, passado e presente, inscrevendo as experiências pessoais no tempo contínuo da tradição. Assim, as pesquisas sobre a memória dos folhetos no Seridó e dos migrantes da Zona Norte despertaram meu interesse para as representações da história, na época da minha entrada como professora efetiva na UFRN, em 1996.

## NAS VEREDAS ACADÊMICAS

Irei fugir aqui um pouco da ordem cronológica para mostrar os momentos importantes da minha atuação docente no contexto de fortalecimento institucional da antropologia na UFRN, que ocorreu a partir do fim do século XX. Participei do processo de autonomização e de fortalecimento da antropologia na universidade, atuando na graduação e na pós-graduação através da docência, dos projetos de pesquisa e de extensão.

Minha chegada na UFRN, em 1995, se inscreve neste esforço no qual se privilegiava a qualificação dos professores e a contratação de docentes com doutorado – o que hoje parece óbvio. Menos de dois anos se passaram entre o concurso e a defesa da minha tese em Nanterre como bolsista recém-doutor. Quando fiz a prova, em fevereiro de 1996, minha filha Louise tinha um mês. Acredito que a energia provocada pela maternidade me inspirou na hora de preparar a aula sobre o tema “Cultura, Indivíduo e Sociedade”, mas meu leite secou repentinamente na hora da prova didática. Contei com o apoio do então chefe do departamento de Ciências Sociais, Aldenor Gomes, e a compreensão da banca. Quando comecei a lecionar, tinha pouca prática docente, adquirida nas aulas ministradas no departamento da Universidade de Bordeaux. O modelo didático que conhecia era aquele que tinha visto na França e apliquei esses princípios com meus primeiros alunos, encontrando estranhamentos e questionamentos durante o desenrolar das aulas; na França, é raro que os alunos ousem intervir e ainda menos saiam da sala quando o professor fala. Eram posturas novas e desafiadoras para esta jovem professora sem experiência que eu era, lembrando que havia poucos recursos tecnológicos para prender a atenção dos alunos. Assim, posso dizer que foram esses primeiros alunos que me ensinaram a dar aula, tornando-a um momento de troca, chamando atenção dos distraídos – sobretudo nas turmas da noite, quando alguns dormem no fundo da sala.

Olhando para trás, avalio que minha postura como profissional mudou radicalmente, de uma prática estritamente acadêmica para um envolvimento e um compromisso não somente com os alunos, mas também com as pessoas que ficam fora da universidade; alguns deles se tornando interlocutores na pesquisa, parceiros na organização de ações de extensão e às vezes, com a aproximação, futuros alunos. Essa mudança de visão da minha prática ocorreu com as transformações estruturais que a universidade conheceu, antes pensada para poucos e com recursos financeiros escassos. Consequentemente, tentei operar uma mudança de postura como profissional: enquanto professora de uma universidade localizada numa realidade socioeconômica historicamente frágil, provoço sempre uma reflexão na sala de aula sobre o nosso papel enquanto profissionais ou futuros profissionais do saber, que não pode se limitar à formação intelectual, mas deve ser complementado pela transmissão de valores éticos para formação de pessoas comprometidas com a sociedade. Parece um pouco singelo, mas a associação ensino-pesquisa-extensão, quando aplicada na prática, leva necessariamente a repensar as práticas didáticas e adotar uma postura autocrítica no processo de ensino-aprendizagem. A cada vez penso que é necessário que os aprendizes sejam ativos na produção do seu próprio conhecimento e passei a solicitar cada vez mais produtos para serem elaborados nos trabalhos de final de disciplina – e não abro mão dos fichamentos!<sup>15</sup>. Por meio destes trabalhos, eu conseguia fomentar nos alunos um olhar sensível para a vida acadêmica e para a experiência etnográfica, que outrora havia sido central para a consolidação de minha carreira como antropóloga e para a minha chegada ao Brasil. O que passei a viver em sala de aula com meus alunos era resultado de transformações e de novas experiências em importantes níveis de minha vida, seja no caminho como antropóloga, seja na prática como docente na UFRN. De outro lado, os anos na UFRN e minha experiência de mãe me ensinaram que é preciso partir do diagnóstico das lacunas, da identificação dos desejos e da valorização dos talentos individuais para o sucesso da aprendizagem, indo de encontro a tudo que tinha vivenciado na escola.

No início, passei um bom tempo sem entender como a universidade funcionava, num ambiente pouco propício à vida acadêmica – nos meados dos anos 1990, a UFRN tinha um ambiente degradado, os funcionários e os professores eram desestimulados pela falta de condições de trabalho. O incentivo institucional visando à melhoria das condições de trabalho e à chegada de uma nova leva de professores a partir desta época, resultaram na consolidação da pós-graduação nas atividades do Mestrado em Ciências Sociais e a participação crescente dos antropólogos neste programa. Pouco a pouco, e com a participação regular de colaboradores externos e de professores visitantes, cursos temáticos foram oferecidos e vocações etnográficas nasceram. A partir de 1997, especialistas estrangeiros vieram regularmente para Natal ministrar cursos de curta duração ou participar de concorridos seminários, em particular, antigos professores e colegas como Christian Mériot, Patrick Menget, Jean-Michel Charpentier, Jacques Galinier, Idelette Muzart, Richard e Sally Price, Amado Millan, e mais tarde, Nathan Wachtel, Nicolas Adell ou Véronique Boyer, entre outros. Muitos dos professores visitantes vieram com o auxílio da CAPES, participando dos ciclos de Estudos sobre a Festa (1997) e a Memória (1998), cujos resultados foram publicados em números temáticos da revista *Vivência*<sup>16</sup>.

Desde minha entrada no Departamento de Ciências Sociais, me identifiquei com a “equipe de antropologia”, composta por professores que tinham participado de uma forma ou de outra da criação do Mestrado em Antropologia em 1979, liderado pelos Professores Nássaro Nasser e Elisabeth Nasser (em particular Anita Queiroz e Terezinha Martins, que permaneceram na UFRN; na época, Luiz Assunção estava finalizando seu doutorado), e professoras recém-chegadas: Elisete Schwade, Lisabete Coradini e Luciana Chianca – Eliane

Tânia Freitas e Francisca Miller chegaram pouco tempo depois de mim. A equipe, mesmo que reduzida, teve a iniciativa de propor a criação de um Departamento, retomando a ideia de autonomização da antropologia, o que se concretizou em 1999, após embates com alguns sociólogos e entraves burocráticos. Neste ano, assumi a coordenação do grupo de pesquisa inicialmente intitulado C.I.R.S., Cultura, Ideologia e Representações Sociais que foi se modificando para Cultura, Identidade e Representações Simbólicas logo após a criação do Departamento. Um pouco antes, entre 1997 e 1998, tinha sido vice-coordenadora da pós-graduação em Ciências Sociais, programa do qual participo desde minha entrada na UFRN e do qual estou me desligando agora, o que irá permitir me dedicar exclusivamente às atividades docentes da antropologia, em nível de graduação e pós-graduação<sup>17</sup>. A opção disciplinar, escolhida por todos os colegas da pequena equipe de antropologia há mais de 15 anos, abraçando um sonho que parecia impossível, rendeu bons frutos<sup>18</sup>.

O meu filho, Jean Victor, nasceu com o Departamento, em 2000. Foram momentos fortes em emoção e de muito trabalho. Com um espaço físico próprio – inicialmente no final de um corredor escuro! –, um secretário (“nosso” Adriano chegou em 2004), muitas atividades para realizar, e após duas edições de um curso de especialização, surgiu a ideia de criar o Programa de Mestrado em Antropologia Social, em 2005, com um corpo docente reforçado pela chegada de Carlos Guilherme O. Valle e, logo depois, de Edmundo Pereira. Uma “nova leva” chegou a partir de 2010 (Rozeli Porto, Juliana Melo, Rita Meves, Glebson Vieira, Jean Segata e, agora, Angela Facundo e Paulo Victor Leite Lopes). O início do Departamento de Antropologia nos anos 2000, somado às atividades desenvolvidas pelo DAN, em particular a realização anual da “Semana da Antropologia”, os cursos de extensão e as duas edições da especialização em antropologia, foram os espaços propícios para a germinação da ideia da criação de uma pós-graduação disciplinar na área, com o apoio institucional da reitoria, o incentivo da representante da área na CAPES, Miriam Grossi e o início de projetos institucionais, o primeiro PROCAD com o Museu Nacional. Logo quando o programa iniciou seu funcionamento, tive que assumir a coordenação por motivo de afastamento da colega Elisete, apesar das minhas inabilidades e capacidades limitadas de gestora. Com um pouco mais de segurança, voltei a assumir a coordenação entre 2010 e 2012, na volta do meu pós-doc, e continuei na vice-coordenação do programa até essa data.

O início das atividades do mestrado em Antropologia Social, em 2005, correspondeu ainda com as comemorações dos 50 anos da Associação Brasileira de Antropologia, com a participação de Miriam Grossi e Peter Fry. Desde então, vários campos de estudos se consolidaram no PPGAS: a antropologia urbana, a antropologia simbólica, como ponto de partida a análise de narrativas, de rituais festivos e de práticas religiosas, a antropologia visual, a questão étnica, as identidades diferenciais e as relações etnicorraciais, as relações de gênero e a sexualidade, as pesquisas etnográficas tendo como enfoque aspectos da cultura local, os processos de patrimonialização, a antropologia da saúde, a antropologia jurídica, etc.

Assim, com o crescimento do programa, o incentivo institucional por meio de apoio financeiro a estudantes ou a publicações, o lançamento de editais internos e externos, etc., houve uma diversificação das temáticas e o volume de trabalho aumentou. Durante todos esses anos, organizamos anualmente a Semana de Antropologia, seminários temáticos, cursos de extensão ou de especialização com o auxílio de professores visitantes que colaboraram no reconhecimento da disciplina na instituição, na região, em nível nacional e agora, com o doutorado, em nível internacional. A integração em redes de pesquisa nacionais foi uma consequência do dinamismo da equipe da UFRN<sup>19</sup>.

Penso que a organização de eventos temáticos de pequena dimensão proporciona trocas acadêmicas ricas e são estratégicos para incrementar a produção intelectual: pouco a pouco, os ciclos de estudos temáticos organizados pelo grupo de pesquisa (CIRS), que tiveram uma duração de um a dois anos (festa, memória, patrimônio), foram se transformando em simpósios, como Memória das Áfricas (2013) e o Colóquio Franco-Brasileiro (2013, 2015, 2016), eventos que coordenei recentemente em frutuosa colaboração com Alessandro Dozena e colegas do IFRN (Maria Isabel Dantas e Flávio Ferreira). As redes de cooperação interinstitucionais que foram incentivadas através de programas de financiamento e implementadas desde a criação do PPGAS, abrem outras possibilidades de trocas: novas parcerias acadêmicas são realizadas entre discentes e docentes das diferentes IES, notadamente com a participação destes nas bancas de defesas de dissertações, em eventos locais ou em cursos de curta duração. As redes de pesquisa aproveitam, para se reunirem) os eventos da área de Antropologia (RBA, RAM, REA, ANPOCS, etc.), eventos científicos de destaque (Anpocs, SPBC, Congressos dos Americanistas, EMBRA) e os resultados são publicados em obras coletivas, como foi o caso da 29 Reunião de Antropologia Brasileira – 29RBA, que correspondeu ao início de funcionamento do nosso doutorado, que aconteceu em Natal em 2014, contribuindo para o fortalecimento da nossa equipe, que ganhou projeção com a organização deste evento.

## NO RITMO DA ACADEMIA

Os anos 2004-2009 foram muito ricos em atividades institucionais que fortaleceram a área de antropologia e marcaram o início de melhorias significativas para a UFRN, em particular com a implementação do REUNI.

Além da criação e da consolidação da Pós-graduação em Antropologia, houve a criação do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses (NCCEN) e sua instalação no Museu Câmara Cascudo, ocupando o local da ADESG, Associação de Estudos da Guerra; estratégia visando à reestruturação e revitalização do museu universitário que ainda está em processo hoje. O Núcleo, unidade suplementar, que foi dirigido inicialmente pelo professor Humberto Hermenegildo de Araújo, desenvolve atividades que são voltadas para o estudo da realidade local, notadamente nas áreas de Literatura, História e Antropologia, organizando eventos e cursos – participei do Curso de Especialização em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte em 2013 –, mantendo pesquisas, uma linha editorial e uma revista acadêmica, Imburana<sup>20</sup>. Assumi a direção entre 2007 e 2009, período em que coordenei o Inventário das Referências Culturais do Seridó e o Relatório Antropológico da Boa Vista. Este núcleo interdisciplinar vem preencher uma lacuna sobre estudos locais e mostra a importância de uma memória das ideias e das obras dos representantes da intelectualidade local. Mesmo se, de um modo geral, eram e continuam conservadores, há figuras que merecem ser melhor conhecidas, como o próprio Câmara Cascudo na sua interlocução com Mário de Andrade<sup>21</sup>.

Coordenei o Inventário da Cultura do Seridó, viabilizado através de contrato com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, do Ministério da Cultura, entre 2007 e 2008, junto com colegas da UFRN e do IFRN, ex-orientandos – Muirakytan K. de Macêdo e Maria Isabel Dantas, “PHDs” em Seridó – que me ajudaram coordenar as atividades de mais de 50 pesquisadores em 7 municípios, a organizar os dados e escrever os textos. O levantamento exaustivo resultou na inscrição da Festa de Sant’Ana de Caicó no Livro das Celebrações como Patrimônio Cultural do Brasil em dezembro de 2010; no entanto, o esforço dispensado foi descomunal em relação aos resultados, pois até agora o Dossiê do registro não foi impresso e não houve

desdobramentos institucionais maiores para nossas instituições nem para a população do Seridó e de Caicó<sup>22</sup>.

Uma das principais características da Universidade Federal do Rio Grande do Norte é a inserção social, em particular, nesses dez últimos anos, com o crescimento das demandas de cooperação. Sendo assim, a prática docente teve de se adaptar às novas demandas: além das atividades de extensão em geral (parcerias, programas e cursos de extensão ou de especialização, elaboração de material didático), a partir de 2004, foram assinados contratos e solicitadas consultorias para suprir as necessidades de órgãos públicos: o Instituto Nacional de Reforma Agrária – INCRA, com a elaboração de seis relatórios antropológicos desde o ano de 2006 – realizei dois deles –, logo depois, a contratação por via institucional foi proibida<sup>23</sup>. O projeto foi a primeira experiência de trabalho coletivo no DAN e, ao meu ver, foi um marco. Fui levada a mudar minha prática profissional para outros campos de atuação, enfrentar conflitos abertos e tentar resolver problemas de consciência que nunca se afastaram de mim. Ao abordar temas conflituosos, a “pesquisa aplicada” constituiu uma experiência decisiva na minha trajetória: nos dois casos, me senti “afetada” de tal modo que mudei a forma de dar aula, fazer pesquisa e a temática das minhas investigações que, até hoje, estão “presas” ao quilombo.

No plano institucional, além de proporcionarem uma visibilidade ao trabalho da equipe de antropologia da UFRN, as demandas externas, as interlocuções institucionais e os incentivos possibilitaram profícuos diálogos com agentes de diferentes esferas em nível nacional (Ministério Público da União, técnicos do INCRA ou do IPHAN), pois contou com o acompanhamento institucional de gestores destes programas. Para a elaboração dos relatórios antropológicos, a interlocução com Flávio Santos<sup>24</sup>, primeiro coordenador do setor quilombola no INCRA/RN –, foi ampliada e contou com a *expertise* de colegas que atuavam na área há mais tempo (Alfredo Wagner Berno de Almeida, José Augusto Laranjeiras, o Guga, Eliane Cantarino O’Dwyer, José Mauricio Arruti, etc.)<sup>25</sup>. Durante vários anos, o Ministério Público solicitou acompanhamento dos processos de titulação dos dois territórios quilombolas em que tinha realizado o relatório antropológico, em particular Sibaúma, que conheceu desdobramentos conflituosos, até a demanda ser arquivada recentemente.

Os intercâmbios acadêmicos formalizados depois da criação do PPGAS (PROCAD e acordos de cooperação internacionais), possibilitaram firmar novas parcerias e anunciam uma internacionalização da formação acadêmica e da pesquisa num futuro próximo. Além do primeiro projeto com o Museu Nacional, iniciado em 2006, que proporcionou, entre outros, a vinda de um Pesquisador Sênior, o professor Luiz Fernando D. Duarte, do Museu Nacional-UFRJ, por seis meses em 2007, dois outros projetos Procad em conjunto com a UFSC e UFAM (2009-2012) e com a UNB (2011-2016), coordenados por mim e a professora Juliana Melo, foram determinantes no fortalecimento do nosso programa, no aumento e na visibilidade das nossas produções. Ao todo, são 6 livros que contam com contribuições de pesquisadores originários da UNB e da UFRN e também de outras instituições nacionais e internacionais, ampliando as redes colaborativas. Organizei o livro, junto com a professora Ellen Woortman, intitulado “Ensaio sobre Antropologia da alimentação” numa coedição ABA-EDUFRN, que reúne ensaios de pesquisadores de diferentes instituições brasileiras e francesas, num esforço de apresentar um panorama geral da questão na França e no Brasil.<sup>26</sup>

Laços entre o PPGAS e várias instituições de ensino e pesquisa francesas foram consolidados em 2010, após a realização do meu pós-doc no LAHIC. Fui contemplada com bolsa CAPES para realizar um estágio pós-doutoral no “Laboratoire d’anthropologie et d’histoire de l’institution de la culture” LAHIC

(CNRS) em Paris (2009-2010) com o projeto “Missões científicas, museus e redes de pesquisa França/Brasil no início do século XX”, dando continuidade às minhas reflexões sobre a antropologia francesa<sup>27</sup>. Influenciada pela minha formação provinciana, e instigada por Antonio Motta (UFPE), comecei a reler a produção clássica da antropologia francesa, nos seus primórdios, e entendi melhor os percursos intelectuais quando vistos nos contextos políticos e históricos desde o Brasil.

O convênio assinado entre a UFRN e a Universidade de Tours (França) em 2008, envolvendo alunos em cotutela, foi seguido por outros convênios com a Universidade de Bretagne Occidentale, em 2010, através da professora Camille Mazé, com a vinda de 6 alunos em mobilidade e missões de pesquisa, e um mais recente, com a Universidade de Toulouse, em 2015; tenho dois principais interlocutores, Nicolas Adell, que estuda os processos patrimoniais, e Jean-Pierre Poulain, especialista da antropologia e da sociologia da alimentação. Missões de pesquisa foram organizadas entre a UFRN e a Universidade de Arizona, em parceria com o Alain-Philippe Durand, que culminou com a assinatura de um convênio em 2015. Os integrantes participaram, em particular, das edições do Colóquio Franco-Brasileiro. Assim, foi se formando uma rede de pesquisadores interessados nos conhecimentos tradicionais e no patrimônio, reunindo pesquisadores da École des Hautes Études en Sciences Sociales, da Universidade de Toulouse (Jean Jaurès) e de Brest (UBO), na França, a Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, no Brasil, a UFRN, a UFPE, a UFG, a UNB, a UPEL, a UFRB, entre outras. Penso que para os próximos anos, a via das redes colaborativas de pesquisa será privilegiada como possibilidade de encontrar outros meios para fazer pesquisa no Brasil e no exterior.

## NEGROS E ÍNDIOS FORA DO *SCRIPT* DA HISTÓRIA

Entre os anos 2000 e 2005, houve um despertar étnico no estado, impulsionado pela discussão e implementação de políticas afirmativas, levadas para as comunidades rurais por agentes externos (professores do município, partidos políticos, movimento negro, igreja, CIMI, órgãos públicos, etc.). No caso indígena, foi a Campanha da Fraternidade de 2002 com o lema “Por uma terra sem males” que proporcionou um espaço para debate sobre a presença indígena e a questão étnica no Rio Grande do Norte, temas polêmicos até hoje. Introduzimos, em 2002, o debate sobre a questão indígena na UFRN, com a participação de alunos e colegas; Maria Rosário de Carvalho (UFBA) ministrou um curso de extensão; organizamos o lançamento do livro de Pedro Puntoni; mesas-redondas com o tema “Presença indígena no RN: leituras históricas de uma resistência indígena” e “A questão indígena no Nordeste”, com a participação de Edson Silva, Carlos G. O. Valle (ainda como professor da UFPE), Luiz Antônio de Oliveira, Jussara Galhardo, Roberto Airon, Soraya Geronazo e Fátima Martins, do departamento de História. Também recebemos o professor Nathan Wachtel pela primeira vez em 2004, que veio ministrar um curso intitulado “História e memória: dos índios aos marranos na América Ibérica”<sup>28</sup>. O mandato do deputado do Partido dos Trabalhadores, Fernando Mineiro, organizou uma audiência pública no dia 15 de junho de 2005 durante a qual os grupos apresentaram suas reivindicações. Entre os presentes na época havia os “Eleotério” do Catu (município de Canguaretama), os “Mendonça” (município de João Câmara) e os “Caboclos” do Açú e de Banguê (município de Açú). A partir desta época, mudei o foco das minhas pesquisas das narrativas para a questão étnica, orientando trabalhos de alunos na temática que, com os outros trabalhos realizados

no PPGAS, somam um número importante de monografias realizadas sobre a questão étnica, que passou a ser uma das linhas mais produtivas de pesquisa<sup>29</sup>.

Contradizendo o *script* da história, em particular a versão cascudiana, na qual se lê que todos os índios foram massacrados durante a Guerra dos Bárbaros e que a mão de obra escrava foi irrelevante para a economia do Rio Grande, alguns grupos começaram a se organizar para reivindicar seu lugar na história. Uma versão mais detalhada da reflexão ensaiada na tese foi publicada em 2003 num dossiê organizado por mim na revista *Mneme* (UFRN – CERES), no qual é questionado o lugar atribuído aos índios e aos negros na historiografia potiguar. Este pode ser tomado como o ponto de partida das minhas reflexões atuais; de fato, desde 2002, venho desenvolvendo projetos que dizem respeito à questão étnica<sup>30</sup>. Nos eventos que envolveram a “celebração do descobrimento” do Brasil, a ausência dos índios no RN era gritante e comecei a me perguntar por que, justamente no Rio Grande do Norte, onde houve uma das maiores resistências indígenas, havia um silenciamento na literatura e no cenário antropológico local. Nas pesquisas realizadas anteriormente, apareceram aspectos interessantes que podiam fornecer elementos de explicação e que dizem respeito à representação da história colonial nas narrativas escritas e orais; comecei a ampliar meus estudos para os lugares importantes da colonização do Rio Grande do Norte, notadamente o litoral sul do estado, em particular os municípios de Canguaretama, Goianinha e Vila Flor, onde eram localizadas as propriedades do engenho Cunhaú<sup>31</sup>.

Novas pistas de pesquisa se desenharam: como no sertão, o passado parece ser escondido nas entranhas da terra, nas serras, nos sítios arqueológicos; no litoral, há uma concentração narrativa em torno das águas – lagoas, poços, fontes, etc. – e nos monumentos históricos: marcos da memória e sinais de resistência de uma história que não foi escrita nem considerada digna de interesse pelos estudiosos. Esses novos questionamentos deixaram num segundo plano o estudo da literatura de folhetos e das formas poéticas. O acento posto no universo maravilhoso descrito nas estórias de trancoso, nas histórias de encantamento, nas lendas de fundação das cidades, ou ainda, nos registros narrativos menores, informam sobre as representações nativas do passado colonial. Assim, questioneei a atribuição sistemática da autoria de construção dos monumentos históricos aos holandeses: a ponte de Igapó, o Forte dos Reis Magos, as “casas de pedras”, etc.; narrativas associadas a monumentos que aparecem com regularidade em todo o estado<sup>32</sup>. Essas imagens encontram-se inscritas, sobretudo, mas não somente, nas narrativas pertencentes a um corpus importante e pouco investigado pelos antropólogos: o que Vladimir Propp (1965, 1983) chama de “contos maravilhosos”. No discurso cotidiano, a repetição de um detalhe pertencente a um acontecimento histórico – que geralmente difere da versão dos historiadores. Haveria um “deslocamento” de um monumento para uma outra época – como é o caso das obras deixadas pelos holandeses – ou, também, encontramos o relato da presença de monstros subterrâneos (aquáticos ou terrestres) povoando o subsolo das igrejas, das montanhas e das lagoas. São temas recorrentes e dinâmicos que formam os elementos dispares de uma visão bastante instigante da história local. Reencontra-se uma representação do mundo onde o espaço sagrado segue de perto os limites do mundo habitado pelos homens. O espaço sobrenatural se iniciaria, deste modo, na fronteira da cidade, ao entrar no cemitério ou numa casa abandonada. O passado, localizado no subsolo e nas águas foi “encoberto”, aterrado com os testemunhos da história sangrenta. Daí que essa representação do mundo natural-sagrado se apresenta, de um modo metafórico, como a colonização. Como é demonstrado para outros países latino-americanos, sobretudo no México (GRUZINSKI, 1988), o invasor conseguiu tomar posse de terras, eliminar fisicamente as populações nativas e impor, simbolicamente, contando com a ajuda da Igreja, uma legitimidade da

ocupação colonial; essas narrativas nos ensinam que a elaboração da autoctonia passa necessariamente por uma reinterpretação singular da história. Versão plausível do passado, mostrando que os homens continuam tecendo relações complexas e múltiplas junto aos agentes sobrenaturais, sejam eles considerado autóctones ou estrangeiros.

O que foi visto durante a minha tese com os relatos orais sobre a presença indígena, com a evocação da presença de “caboclos” numa época remota, os contatos com os brancos, os modos de vida, as práticas rituais, as crenças e o fato de se limitarem a reconhecer uma herança indígena fazendo referência à uma bisavó capturada (CAVIGNAC, 1995; 2006). De fato, esse elemento narrativo aparece de modo recorrente nos depoimentos colhidos em diversos contextos etnográficos e nas memórias familiares, contando o rapto de uma ancestral indígena, com qualidades extraordinárias e um conhecimento das plantas e dos animais. De um modo geral, a imagem da índia selvagem integra-se à representação do mundo natural descrito: o mundo feminino corresponderia a um tempo primordial, fornecendo uma explicação sobre a origem das famílias e a “ascendência indígena”. Se a memória genealógica é discreta sobre as origens étnicas dos ancestrais, encontramos os índios inseridos em outros registros narrativos. As lendas de fundação das cidades evocam o domínio dos índios sobre o mundo natural: o nativo – ou sua “alma” – é apresentado como o guardião das forças naturais e, em particular, da água<sup>33</sup>. Também foram esquecidos, relegados a um inframundo, as princesas, os espíritos (as visagens) e os animais monstruosos vivendo nas grutas e nos reinos encantados. Os “lugares de memória” continuam a ser “habitados” pelos espíritos dos seus antigos donos, sejam eles indígenas, negros ou brancos. Assim, o monumento histórico, o lugar natural ou as evocações narrativas fixam e reativam uma memória apagada durante séculos<sup>34</sup>. Vale notar que existem inversões e anacronismos, pois, em algumas narrativas, o índio foi trazido da Europa, o conquistador é transformado em vítima e o europeu em índio. Essas versões são associadas à indeterminação do estatuto do ancestral, questão fundamental na discriminação das origens<sup>35</sup>. Nessa visão da história, os índios fugiram, abandonando as “caboclas brabas”, que foram “amansadas” após a captura. A rica tradição oral contendo imagens do passado traduz, num modo narrativo e ficcional, as percepções do processo colonial, atualizando o roteiro de uma história escrita pelas elites dirigentes. Esta “solução narrativa” possibilita que a memória não se desagregue totalmente e que elementos possam ser retomados para encenar uma outra história.

Essas questões levaram, naturalmente, a pensar os processos de patrimonialização (ou suas ausências). Tema polêmico, etnicidade começa, nesta altura, a ser colocada como problema pelos próprios interessados. Mesmo se “a leitura crítica e cuidadosa da documentação administrativa nos fornece(rá) apenas uma reconstrução dos acontecimentos do ponto de vista do conquistador” ou, para uma época mais recente, dos agentes do Estado brasileiro (PUNTONI, 2002, p. 79), é nos ater a ela e tentar apreender, nas entrelinhas dos raros textos produzidos sobre a questão, o “ponto de vista dos vencidos”. Os discursos, aparentemente anódinos, por responderem a uma lógica subjacente, deixam transparecer “fenômenos de resistência autóctone, [...] continuidades, rupturas, transformações e criações” (WACHTEL, 2001, p. 29). Esta perspectiva oferece novos elementos sobre a história dessas populações engajadas à força no processo de conquista colonial.

## O SERIDÓ NEGRO

Com a elaboração dos relatórios antropológicos, a partir de 2006, a questão quilombola surgiu como foco principal das minhas preocupações. Em particular, e além do estudo visando caracterizar a demanda territorial, tive como ponto de partida para a investigação a memória da escravidão, cujas marcas sociais e simbólicas podem ser percebidas até hoje.

As questões territoriais e políticas, elementos centrais para os relatórios, são complexos e difíceis de serem abordados em campo. Priorizei, na metodologia, as questões ligadas à memória, ao parentesco e aos aspectos culturais, como as narrativas de fundação da comunidade, as formas de devoção ou as danças. Mais do que uma memória objetivada e forte, encontram-se registros de uma memória diluída, marcos de uma história pouco gloriosa e, por isso, invisível ou encoberta; mesmo quando os grupos acionam a identidade quilombola e se fazem presentes na cena política local. Do mesmo modo, os rituais católicos e as expressões de fé reafirmam a versão colonial da história, deixando pouco espaço para os atores marginalizados se expressarem: no entanto, servem de suporte à memória e são tomados como a expressão mais pura de uma tradição ancestral, pois revelam “uma outra história, mais longínqua e confusa que merece nossa atenção. Esta conserva as marcas do contato e da imbricação definitiva de uma tradição europeia nas cosmologias e usos dessas populações” (GALINIER, 1993, p. 286). São processos constitutivos de uma amnésia generalizada quando se fala do “tempo do cativo”. A memória e a tradição cultural auxiliam no exercício da evocação do passado, mostram os caminhos percorridos para recuperar uma história que ainda fica para ser escrita, justificando as buscas recentes pelos direitos territoriais por parte dos grupos detentores dessa história.

Apesar de ser vista como “folclore”, a performance ritual reelaborada ganha uma dimensão étnica e memorial: é a ocasião furtiva de refletir sobre um passado desconhecido, com a teatralização da resistência e sob a perspectiva de um grupo historicamente estigmatizado e marginalizado. Trazendo o passado para o presente e sob as luzes de eventos festivos importantes, como o período natalino ou o carnaval, as danças rituais deixam aparecer uma identidade diferenciada, mesmo se essa é caricatural; reaviva sofrimentos antigos que foram calados por várias gerações. De fato, promover ou falar das “brincadeiras” significa, para os nossos interlocutores, lembrar experiências vividas e iniciar uma reflexão sobre as suas “origens”, pois é preciso puxar os fios da memória para reencontrar os antepassados. A tomada de consciência individual leva à rememoração da trajetória dos fundadores do grupo. De fato, os emblemas culturais escolhidos pelos grupos não são fruto do acaso: as práticas rituais ou as “brincadeiras” podem ser interpretadas como formas de afirmação de uma identidade diferencial e como o tímido despertar de uma consciência histórica adormecida. De maneira surpreendente, o que era tradicionalmente chamado de folclore ressurge com força nas reivindicações identitárias dos grupos que redescobrem sua história e afirmam “sua cultura” (CUNHA, 2009). Os registros, mesmo marginais, dessas manifestações culturais, dispersos nas obras dos folcloristas ou até nas crônicas locais, quando reunidos, podem se transformar em armas para fortalecer demandas específicas.

O exemplo das comunidades quilombolas (Sibaúma e Boa Vista) que redescobriram seu passado na hora da reivindicação do território coletivo, ilustra a difícil e necessária tomada de consciência de uma memória silenciada durante séculos. Depois da entrega dos relatórios, continuei tendo contato com as lideranças e acompanhei o andamento dos processos. No caso de Sibaúma, foi uma experiência mais difícil, devido aos conflitos internos existentes. Os alunos continuaram indo regularmente para realizar suas pesquisas de gradua-

ção e de mestrado na Boa Vista e no Seridó. Na minha volta do pós-doc, em 2010, retomei os contatos e o foco foi a existência de memórias produzidas historicamente, voltadas para a elaboração de um conjunto variado de representações identitárias e sobre as tradições culturais, a dança do Espontão e a festa de Nossa Senhora do Rosário. As lembranças das experiências vividas pelos ancestrais que deixaram uma marca perene vieram à tona e foram incentivadas pela rememoração provocada na época do processo de demarcação do território, apoiando-se na tradição oral, musical e corporal. Foram identificados agentes da memória que têm um compromisso moral com a manutenção da identidade do grupo social; lideranças, grupos familiares, agrupamentos religiosos. Foram realizadas pesquisas na Boa Vista (Parelhas), entre as irmandades do Rosário presentes no Seridó e em outros lugares historicamente importantes, onde há um número significativo de famílias designadas como negras (como é o caso de Acari) e nos quais foram ensaiadas algumas políticas de promoção da igualdade. Tentou-se fazer uma história das irmandades a partir dos relatos dos mais velhos e foi iniciada a análise da documentação referente aos escravos, em parcerias com pesquisadores do CERES. A pesquisa foi realizada em parceria com vários interlocutores para promover uma reflexão crítica sobre a memória da escravidão e a presença afro-brasileira no Seridó. A perspectiva adotada e o trabalho em equipe possibilitaram a leitura conjunta de uma realidade pouco investigada: registros narrativos, documentos, monumentos e lugares de memória da presença afrodescendente. O estudo se concentrou na problemática da memória e do período escravocrata no Seridó, região que foi povoada por portugueses, mas também por negros, mestiços e índios que contribuíram para a formação do território e para a identidade cultural local. Os resultados deste levantamento mostram claramente que existe uma história silenciada que se revela através das trajetórias encontradas entre os núcleos afrodescendentes presentes no Seridó desde o século XVII e que leva os leitores da região a se questionar sobre o seu passado<sup>36</sup>.

## COZINHAS, SEGREDOS E TRANSMISSÃO

Outro campo de investigação da expressão não verbal da memória é a alimentação, que aparece como um dos principais elementos de referência na constituição de uma identidade local, sendo quase consubstancial a esta, pois participa do sistema histórico, cultural e social do grupo, e, ao mesmo tempo, pertence à esfera do íntimo, da família, do segredo (FISCHLER, 2001; MACIEL, 2001; MINTZ, 2001; WOORTMANN, 1986). Deixe aparecer a organização social, as formas de solidariedade e elementos da cultura: seguindo Lévi-Strauss (1964; 1974) e Woortman (2013), a comida é uma linguagem, respeitando códigos simbólicos e sociais que são expressos em “hábitos e padrões alimentares socialmente incorporados” (*Id., Ibid.*, p. 7). As práticas culinárias são as expressões de uma memória sensorial que pertence às esferas menos conscientes dos sistemas culturais e das histórias das famílias: um “savoir-faire” tradicional que é transmitido a parentes ou a eleitos. Nessa reflexão, dialogo com vários parceiros da pesquisa: Maria Isabel Dantas (IFRN), que me puxou para a cozinha, Muirakytan K. de Macêdo, que é o maior especialista sobre o Seridó e Danycelle Silva, que retratou com delicadeza os sofrimentos e os saberes das famílias negras de Acari.

Em diversas cidades do Seridó potiguar, os saberes e as práticas alimentares que são designados como tradicionais remontam ao tempo das fazendas de gado e da escravidão. A aquisição e a transmissão desses conhecimentos se dão na esfera doméstica, entre as mulheres negras, até hoje. Nas “casas de família”, onde as cozinheiras trabalham como empregadas, as comidas são

feitas para o consumo diário e para as festas familiares, que reúnem a parentela extensa. Algumas dessas mulheres são reconhecidas pelas suas habilidades culinárias e são contratadas para fazer as refeições e os doces consumidos nas ocasiões festivas. Ao cozinhar, as “mestras” expressam sua história e sua marca identitária, trazendo o conhecimento das suas ancestrais (CAVIGNAC, 1997; DANTAS, 2004). Os modos de preparo e as práticas culinárias informam sobre a transmissão de uma memória inscrita no corpo das antigas criadas, hoje empregadas domésticas, sobre suas histórias, sofrimentos, estigmas e trajetórias sociais. Com os fluxos migratórios e a reconfiguração econômica nos anos 1980, o sertão é ressignificado e torna-se patrimônio: os antigos locais de produção (sítios, fazendas, usinas de algodão), as manifestações culturais (vaquejada, forró, festa de padroeiro, carnaval, festa do Rosário, etc.) e as festas são ocasiões que atraem uma população urbana à procura das suas origens rurais e de uma cultura “autêntica”.

## CÂMERA, LUZ, AÇÃO!

A partir de 2012, me sentindo frustrada pela lentidão burocrática dos processos, decidi propor um projeto de extensão que teve como ideia inicial dar prosseguimento ao trabalho realizado na Boa Vista dos Negros (Parelhas), após a solicitação das lideranças para auxiliá-los na elaboração de um museu comunitário. A ideia se transformou num programa de extensão PROEXT-SESU/MEC hoje chamado Tronco, Ramos e Raízes que ocupou grande parte da minha vida nesses últimos cinco anos e que tem como objetivo realizar ações patrimoniais no Seridó, enfatizando o combate à discriminação racial, tendo como estratégia a valorização do patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro e agora, também, indígena. A proposta do programa é colocar em discussão a presença indígena e afro-brasileira na região do Seridó através da divulgação das ações para coletivos (comunidades quilombolas, irmandade do Rosário, escolas, pontos de cultura, grupos de capoeira, etc.), além de registrar, apresentar e discutir conjuntamente os dados históricos, arqueológicos e culturais coletados, propondo ações de educação patrimonial: registros orais, sonoros e visuais, oficinas e cursos, exposições itinerantes, documentários, ações de sensibilização dos agentes locais, em particular os jovens das comunidades envolvidas, etc. A equipe, sempre em transformação, é composta por professores e alunos de diferentes cursos e conta com a participação ativa das lideranças e dos interessados, agentes culturais, professores quilombolas ou não, jovens, etc.<sup>37</sup>. Desde o início, o “projeto” solicitou uma parceria com a área de Tecnologia da Informação da UFRN para elaborar um museu virtual num endereço institucional e ser mantido sem custo, por membros do projeto. Nele, são depositados o acervo para pesquisa, a documentação histórica, a biblioteca virtual de obras locais, documentos audiovisuais<sup>38</sup>. Ao longo destes anos, houve uma produção acadêmica importante, contando com vários eventos, a publicação de um material bibliográfico e a produção de um acervo audiovisual.

Destacam-se como principais impactos das ações desenvolvidas, o incentivo aos estudos na região do Seridó relacionados à temática afro-brasileira, contemplando não só a perspectiva histórica, mas também os estudos sobre a memória e os que utilizam registros audiovisuais como ferramentas. Provavelmente, Tronco, ramos e raízes! irá caminhar mais lentamente, pois não há mais editais abertos, e as bolsas de extensão se rareficaram<sup>39</sup>.

## PENSAR NAS MARGENS (BRASIL/FRANÇA)

Para os próximos anos, estou propondo continuar minha reflexão em torno dos processos patrimoniais a partir dos estudos realizados no Brasil e na França, em particular no que diz respeito a elementos que são reivindicados como singulares e tradicionais pelos seus detentores, saberes e conhecimentos especializados que, em geral, escapam da esfera da oralidade. A investigação trata dos processos de valorização de determinados “bens imateriais” e suas consequências concretas para as populações tocadas pelas ações do Estado, vendo sua vida cotidiana e seus conhecimentos tradicionais valorizados e transformados em folclore ou sinais identitários: sejam eles conhecimentos e práticas ainda não patrimonializados ou aqueles que se encontram envolvidos por processos de mudança em que os seus detentores se sentem despossuídos destes. Também irei propor uma comparação com os elementos culturais que são valorizados, com o reconhecimento nacional ou como patrimônio mundial, sendo impactados pelos fluxos turísticos<sup>40</sup>. A ideia é avaliar contextos patrimoniais distintos para refletir sobre as práticas cotidianas que contêm um saber nativo e entender as operações memoriais com legitimidade local, pensar sobre a tangibilidade memorial do passado e as formas de transmissão deste, sejam orais ou as que revelam o indizível. A ênfase será colocada nas práticas culinárias e nos rituais associados e tidos como identitários, pois penso em avaliar os alcances conceituais e metodológicos de tais expressões culturais e elaborar programas de pesquisa de médio e longo prazo, valendo-me de uma perspectiva comparada.

Na região da Gironde, que é conhecida pela sua culinária e pela produção dos vinhos, irei me interessar desde os conhecimentos sobre as plantas nativas ou cultivadas, a memória dos sabores e as técnicas culinárias. Esses formam um conjunto e determinam práticas, escolhas, gostos ou ainda “estilos culturais” que são reivindicados como marcadores identitários pelas populações que instrumentalizam a “cultura” (CUNHA, 2009; PESTEIL, 2007; WOORTMAN, 2013). Serão valorizados os conhecimentos especializados envolvendo a natureza: a caça, as técnicas de plantio e cuidados com as plantas (as propriedades nutricionais ou medicinais, as taxinomias, a localização das espécies nativas, etc.).

Estes conhecimentos especializados são uma marca identitária potente e se prolonga na elaboração de pratos considerados como iguarias reservadas aos *connaisseurs*. É o que acontece também com as receitas culinárias envolvendo os peixes raros (lampreia, *bar*, *alose*), os frutos do mar (ostras, camarão), a caça (faisão, porco do mato, veado, etc.) ou as receitas culinárias transmitidas nas famílias (*foie gras* e *magret*, licores, *conserves*, *charcuterie* ou alcoóis caseiros). Registros específicos envolvem os vinhos e os queijos, pois requerem o conhecimento de um vocabulário e de códigos de comportamentos à mesa. Dessa forma, mais do que o meio social, é a posição do indivíduo no espaço e seu local de nascimento que irá determinar o *habitus* e as escolhas alimentares; permite identificar o indivíduo ao grupo dos “nativos” e irá produzir de maneira inconsciente práticas, discursos e posturas (BOURDIEU, 1979).

Desta forma, o interesse para a temática inclui os processos de reapropriação cultural e de valorização local dos saberes tradicionais frente ao turismo ou a circuitos econômicos organizados em torno de uma alimentação designada como tradicional. Assim, por exemplo, existem segredos em torno das condições climáticas favoráveis e dos locais onde se encontram as trufas ou os cogumelos nas florestas da Gironde (*les coins à cèpes*). Iremos ensaiar uma discussão sobre a questão das dinâmicas das tradições culturais com as mudanças socioeconômicas, o caráter político da cultura e os processos de patrimonialização em dois contextos etnográficos bem distintos. Serão analisados os efeitos do patrimônio

sobre a mobilização dos grupos, com reflexões teóricas mais gerais sobre a revitalização das tradições culturais com fins políticos (GARCIA-PARPET,2009).

A perspectiva escolhida propõe, assim, o aprofundamento do conhecimento empírico de sociedades e culturas específicas quando das possíveis inovações metodológicas a partir da temática do patrimônio imaterial (CAVIGNAC, 2003; LOSONCZY, 1992; WACHTEL, 1990; 2001; 2005), em particular com o aumento dos fluxos turísticos em busca de autenticidade ou os processos em torno da comercialização da cultura – com o exemplo da alimentação e dos saberes especializados. Essa perspectiva permitirá ampliar o olhar para pensar temas transversais da pesquisa (identidade, memória, alimentação, religiosidade, etc.) e perceber a dinamicidade dos processos. Desta forma, “o uso discursivo de uma qualidade endógena ancestral” (CIARCIA, 2013) que desperta o interesse dos atores institucionais, sejam eles para fins culturais, econômicos, turísticos ou políticos, deve ser avaliado para entender o fenômeno no seu conjunto (GARCIA PARPET, 2009; WOORTMAN, 2013).

Assim, os saberes locais e as práticas alimentares aparecem como temáticas fecundas para analisar os modos de transmissão dos conhecimentos nativos; o que deve nos levar a elaborar programas de pesquisa de médio e longo prazo, valendo-se de uma perspectiva comparada. Assim, as pesquisas em curso no Brasil serão realizadas em paralelo com algumas incursões no campo francês, em particular na região sudoeste, sobre os conhecimentos locais e os efeitos dos processos de patrimonialização. Meu esforço reflexivo acompanha-se de um levantamento sistemático da temática dos saberes locais e da busca de uma instrumentalização da discussão sobre patrimônio em termos antropológicos, fundamentada na pesquisa etnográfica e na análise comparativa. Se o exercício se anuncia complicado para os próximos anos, por outro lado, aprendi com meus interlocutores, que as vivências são, antes de tudo, atos coletivos de resistência. Ao olhar para trás, desde o momento em que cheguei no Brasil em 1988, e vendo a transformação da Universidade e o conjunto da sociedade brasileira, tenho convicção de que trata-se de um erro e queessa nova caminhada já está sendo vitoriosa.

Sintetizar uma trajetória em curso é sempre uma tarefa difícil. Como todo exercício de rememoração, costumamos lembrar alguns momentos e esquecer ou silenciar outros. A trajetória acadêmica é como a própria vida. Não se apresenta como algo unilinear, distribuído através de uma linha de tempo, sequencial, previsível. Aliás, não tenho muito talento para o exercício autorreflexivo e me falta a memória.

O que aqui foi esboçado é antes de tudo uma TRAVESSIA...

## NOTAS

<sup>1</sup> CONCEIÇÃO, Manuel. *Cette terre est à nous*. Paris: François Maspero, 1979.

<sup>2</sup> Tintin au pays du Taste-Vin. *Bulletin de l'IAES*, n. 54, p. 5-11, 1988; Un ethnologue mène l'enquête. À propos du livre de Bernard Traidmond. *Bulletin de l'IAES*, Bordeaux (France), v. 57, p. 128-132, 1991.

<sup>3</sup> Quatre Générations de Paysans – Périssac (Gironde). *Bulletin de l'IAES*, n. 48, p. 18-43, 1986.

<sup>4</sup> Le Luxor, bar-Rock, *Actes du 112º Congrès des sociétés savantes*, Paris, CTHS, p. 87-97, 1988. Nécrologie d'un bar-rock, in *memoriam luxoris, Cahiers ethnologiques*, Université de Bordeaux II, n. 9, 1988, p. 49-65.

<sup>5</sup> Sociabilité dans un bar-Rock: le Luxor à Bordeaux. 112º Congrès National des Sociétés Savantes. Lyon, C.T.H.S., 1987. Le pogo, un rituel démoniaque? *Ethnographie des*

concerts de rock, *Bulletin de l'IAES*, n. 60, 1993.

<sup>6</sup> Este laboratório foi criado em 1967 por Erick de Dampierre, trata-se de unidade mista de pesquisa do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) e da Université Paris Ouest Nanterre La Défense (UMR 7186).

<sup>7</sup> Outros pesquisadores como Mark Curran, Martine Kunz, Gilmar de Carvalho, Michel Riaudel tiveram uma produção significativa sobre o tema na época em que fazia a pesquisa.

<sup>8</sup> folhetos de cordel. *Cahiers du Brésil contemporain*, n. 9, p. 49-73, 1990, Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00448687/document>>; Figures et personnages de la culture nordestine dans la littérature de cordel au Brésil, *Caravelle*, n. 56, 1991, p. 107-121, disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/carav\\_1147-6753\\_1991\\_num\\_56\\_1\\_2457](http://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1991_num_56_1_2457)>. Tem um problema com esta nota: o título é Mémoires en miroir: histoire locale et interprétation des événements à travers la mémoire des Folhetos de Cordel. Cahiers du Brésil Contemporain, ....

<sup>9</sup> Uma anedota merece ser contada: ao passear no centro da cidade, avistei uma placa “contador”... na minha cabeça, era um profissional da palavra e procurei conversar com ele. Descobri, ao entrar na sala comercial do último andar do prédio, que podia haver vários tipos de contadores...

<sup>10</sup> Pour une approche anthropologique des formes poétiques Nordestines (Brésil). *Caravelle*, v. 65, p. 119-142, 1995.

<sup>11</sup> A tese intitulada “Mémoires au quotidien. Histoire et récits du sertão do Rn. (Brésil)” foi publicada em livro pelas edições do CNRS, com o auxílio de Jacques Gilard e Yvon Le Bot (*La littérature de colportage au nord-est du Brésil*. Paris: éditions du CNRS, 1997. v. 1.). O livro foi traduzido por Nelson Patriota em português, dez anos depois da edição francesa (*A literatura de cordel no Nordeste do Brasil. Da história escrita ao relato oral*. Natal: Edufrn, 2006. 364p.). Outros resultados da investigação foram publicados em artigos: Henry Koster: explorateur des sertões du Rio Grande do Norte. In: Universidade de Bordeaux III. (Org.). *Decouvertes et explorateurs*. Paris: l'Harmattan, 1994, p. 321-330; Memória do cotidiano, história e narrativas do sertão do Rio Grande do Norte. *Vivência*, v. 9, n.1, p. 81-98, 1995; Littérature et société, l'exemple brésilien. In: GOIRAND, Camille. (Org.). *Lusotopie*. Enjeux contemporains dans les espaces lusophones. Paris: Karthala, 2003, v. 1, p. 34-52; Literatura de cordel e tradição oral: o exemplo do sertão do Rio Grande do Norte. In: MIGOZZI, Jacques; BERND, Zila. (Org.). *Fronteiras do literário, literatura oral e popular Brasil-França*. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 83-92; Littérature de cordel et tradition orale; l'exemple du sertão du Rio Grande do Norte. In: MIGOZZI, Jacques; BERND, Zila. (Org.). *Frontières du littéraire - Littératures orale et populaire Brésil-France*, France: PULLIM, 1995, v. 57, p. 95-112; Des joutes poétiques aux vauquejadas. *Cahiers Ethnologiques*, Bordeaux (France), v. 23, n.17, p. 135-168, 1996; Les royaumes enchantés du Nordeste Brésilien. *Cahiers Ethnologiques*, Bordeaux, v. 21, p. 87-102, 1999; Vozes da tradição; reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. impresso), Porto Alegre-RS, v. 12, p. 245-265, 1999; Festas e penitências no sertão. *Vivência* (Natal), Natal, v.13, n.1, p. 39-54, 2001; Transtextualidade: oralidade, memória e história no Rio Grande do Norte. In: MATHIAS, Ilza. (Org.). *Café filosófico*, Natal: Edufrn, 2004, v.2, p. 184-213; Mais recentemente, reavaliei os resultados à luz das minhas pesquisas mais recentes: Além da escrita: processos narrativos, cordel e transmissão oral no Nordeste. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. (Org.). *Contações de Histórias: Tradição, Poética e Interfaces*. 1ed. São Paulo: Sesc São Paulo, 2015, v. 1, p. 82-95.

<sup>12</sup> Foram compilados mais de quinhentos folhetos e romances coletados no Nordeste entre 1988 e 1993, folhetos “clássicos” publicados nas coletâneas e nas antologias e cem textos orais colhidos durante a pesquisa de campo no sertão do Rio Grande do Norte – Seridó e Oeste – entre 1990 e 1991. Foi feito o cruzamento dos dados etnográficos com os elementos culturais mais importantes.

<sup>13</sup> “Memórias de migrantes. Pesquisa etno-literária de uma comunidade da Zona Norte da cidade de Natal”, 1997, Natal, UFRN-CNPq [modalidade da bolsa: recém-doutor]. Quero aproveitar a ocasião para agradecer o coordenador do PPGEL da época, Eduardo de Assis Duarte (Departamento de Letras – UFRN) e todos os membros do colegiado pela calorosa acolhida e por ter colocado à minha disposição a infraestrutura necessária para realização da pesquisa. Ver o artigo: Destinos migrantes. *Campos* (UFPR), Curitiba, v. 1, n.1, p. 23-45, 2001.

<sup>14</sup> Neste estudo, foi utilizada a metodologia das histórias de vida desenvolvida nos trabalhos de pesquisadores investigando a realidade brasileira (especificamente a nordestina) e a das migrações (MENEZES, 1992; CABANES 1995; SIGAUD 1993; AJARA, 1993). O método biográfico foi o mais indicado para o estudo sobre os migrantes, para descrever as visões de mundo e as opções de vida do migrante (MENEZES, 1992, p. 167).

<sup>15</sup> Por exemplo, à turma da disciplina Teorias da Cultura (2010) do programa de pós-graduação em antropologia social da UFRN propus a produção do documentário: “O Sabor do Rio: práticas, memória e saberes do Potengi” [Documentário editado no Instituto cultural e audiovisual potiguar em março de 2011. Concepção e realização: Andressa Morais Lima, Bruno Goulart, Cécilia Gutel, Gabrielle Mahara, Jacqueline Candido, Julianna Azevedo, Lanna Marques, Maria Angella Bonifácio, Otomar Cardoso, Samara Freire].

<sup>16</sup> Ver números 13, 28, 42 e artigos: Festas e penitências no sertão. *Vivência* (Natal), Natal, v. 13, n.1, p. 39-54, 2001; A volta dos ancestrais. *Vivência* (Natal), v. 1, p. 75-80, 2005; As voltas da história: terra, memória e educação patrimonial na Boa vista dos Negros. *Vivência* (UFRN), v. 42, p. 112-126, 2013.

<sup>17</sup> Ao todo, orientei 6 teses de doutorado; 23 dissertações de mestrado, 9 trabalhos de especialização, 18 monografias de fim de curso; 16 alunos finalizaram uma orientação de outra natureza. Finalizei 9 orientações de alunos bolsistas PIBIC e mais de 50 bolsistas de extensão!

<sup>18</sup> Ver os artigos: Vislumbramos a médio-prazo a criação de uma pós-graduação em Antropologia. In: Antonio Motta; Maria do Carmo Brandão. (Org.). *Aproximações*. Recife: Bagaço, 2003, v. 1, p. 40-41; Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN. Contexto (Mossoró), v. 1, p. 395-402, 2013.

<sup>19</sup> Assim, participo ativamente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), inicialmente como membro da Comissão de Ensino (2004-2006), do Comitê das Relações Raciais (2006-2008) e do Comitê Patrimônio e Museu (desde 2006) e como membro do Conselho Científico entre 2010 e 2014. A convite do então presidente, Gustavo Lins Ribeiro, fui diretora da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS – gestão 2013/2015). Em nível local, fui membro do conselho científico da FAPERN entre 2014 e 2016, e acompanho as atividades do Comitê de Folclore do Rio Grande do Norte; recebi a Comenda do Mérito Folclorista Deífilo Gurgel em 2015, atribuída pela Câmara dos Vereadores de Natal.

<sup>20</sup> Ver meu artigo escrito com Luiz Antônio de Oliveira: A Antropologia nativa de um provinciano incurável. Câmara Cascudo e os estudos da cultura no Rio Grande do Norte. *Imburana*, v. 2, p. 63-75, 2010.

<sup>21</sup> Ver o artigo recente: O museu sonhado: folclore e antropologia em terras potiguares. In: FERREIRA filho, M.; ATHIAS, R.; ABREU, R. (Org.). *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife: UFPE/ABA, 2016, v. 1, p. 73-11, disponível em: <<http://www.portal.abant.org.br/index.php/bibliotecas/livros>>.

<sup>22</sup> Ver o dossiê do registro disponível no site do IPHAN: DANTAS, Maria Isabel; MACEDO, Muirakytan Kennedy de; BRITO, P. S; ALMEIDA, Cyro de; MELO, J. A. F; OLIVEIRA, A. C; ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Maria das Dores; CAVIGNAC, Julie A. *Festa de Sant’Ana. Dossiê IPHAN - Festa de Sant’Ana*. 1.ed. Brasília: IPHAN, Ministério da cultura, 2010, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=957F9223953BDCCB0F4F37F5D2EC3254?id=1866>>. Também escrevi artigos críticos sobre o processo: CAVIGNAC, Julie A.; MACEDO, Muirakytan Kennedy de; DANTAS, Maria Isabel; BRITO, P. S. O inventário da cultura do Seridó (RN) ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região. *Revista Memória em Rede*, v. 2, p. 48-84, 2011. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/19004/1/O\\_inventario\\_Julie.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/19004/1/O_inventario_Julie.pdf)> e em coautoria com MACEDO, Muirakytan Kennedy de; DANTAS, Maria Isabel. Patrimônio Imaterial do Seridó Potiguar: reflexões sobre os limites de um inventário. In: SALLES, Sandro Guimarães de; SANDRONI, Carlos. (Org.). *Patrimônio Cultural em Discussão: novos desafios teórico-metodológicos*. 1ed. Recife: Editora da UFPE, 2014, v. 1, p. 110-133.

<sup>23</sup> O projeto foi coordenado pelo colega Luiz Carvalho de Assunção. Os professores Carlos Guilherme do Valle, Francisca Miller, Edmundo Pereira e eu constituíram suas equipes contando com a participação de alunos de graduação e pós-graduação, tendo um acompanhamento do GT da Associação Brasileira de Antropologia.

<sup>24</sup> Ver o artigo escrito com ele: O processo de regularização fundiária dos territórios quilombolas no Rio Grande do Norte – uma experiência compartilhada. In: SANTOS, Rui. (Org.). *Processos de regularização fundiária: uma experiência compartilhada*, 2006, v. 1.

<sup>25</sup> Ver os artigos: Os filhos de Tereza: narrativas e religiosidade na Boa Vista dos Negros/RN. *Tomo* (UFS), v. 11, p. 77-102, 2008; Os “troncos velhos” e os “quilombinhos”: memória genealógica, território e afirmação étnica em Boa Vista dos Negros (RN). *Ruris* (Campinas), v. 4, p. 22-35, 2009, disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/ceres/2008-Os\\_Truncos\\_velhos\\_e\\_os\\_Quilombinhos.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ceres/2008-Os_Truncos_velhos_e_os_Quilombinhos.pdf)>; Resorts e quilombolas? Alianças políticas e interesses econômicos em Sibaúma (RN). In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Org.). *Cadernos de debates Nova Cartografia Social: territórios quilombolas e conflitos*. Ied. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010, v. 1, p. 153-160, disponível em: <[http://www.novacartografiasocial.com/downloads/Livros/territorios\\_quilombolas\\_conflitos.pdf](http://www.novacartografiasocial.com/downloads/Livros/territorios_quilombolas_conflitos.pdf)>; com LINS, Cyro de A.; MAUX, Augusto. De herdeiros a quilombolas: identidades em conflito (Sibaúma RN, Brasil). *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 1, p. Cuestiones del, 2011, disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/61896>>.

<sup>26</sup> Vários artigos foram escritos: CAVIGNAC, Julie A.; DANTAS, Isabel. Sistema alimentar e patrimônio imaterial: o chouriço no Seridó. *Sociedade e Cultura*, Goiania, v. 8, n.2, p. 63-78, 2005; CAVIGNAC, Julie A.; DANTAS, Maria Isabel; SILVA, Danycelle. Comidas de raiz: a retomada da cultura quilombola no Seridó (Brasil). *Revista Têxtilas*, v. 3, p. 105-139, 2015; CAVIGNAC, Julie A.; DANTAS, Maria Isabel; MACEDO, Muirakytan K. de; SILVA, Danycelle. *Ensaio sobre Antropologia da alimentação*. Natal: EDUFRN; ABA, 2016.

<sup>27</sup> Organizei, conjuntamente com Miriam Grossi e Antonio Motta o livro “Antropologia francesa no século XX” no qual escrevi um artigo sobre Maurice Leenhardt: Maurice Leenhardt e o início da pesquisa de campo na antropologia francesa. In: MOTTA, Antonio; GROSSI, Miriam P. (Org.). *Antropologia francesa no século XX*. Ied. Recife: Massangana, 2006, v. 1, p. 23-81. Dois artigos foram publicados, que apresentam os principais resultados da minha pesquisa pós-doutoral: L’Américanisme français au début du XXème siècle. *Projets politiques, muséologie et terrains brésiliens. Vibrant* (Florianópolis), v. 9, p. 1, 2012; O Americanismo visto do Musée de l’Homme: etnografia e internacionalismo científico; o exemplo da Amazônia. *Revista Antropológicas*, v. 22, p. 119-140, 2011.

<sup>28</sup> Foram realizados vários eventos na UFRN: um curso ministrado pela professora Maria Rosário de Carvalho “Uma introdução à etnologia dos povos indígenas do Nordeste” (2002), seguido de um outro curso, que teve a participação de José Glebson Vieira, “Presença indígena no Rio Grande do Norte”; mais tarde, organizamos o evento “A questão indígena no Nordeste” (2002), realizamos uma exposição “Índios do Rio Grande do Norte” na CIENTEC de 2002; durante as Semanas de Humanidades de 2002, 2003 e 2004, propusemos um GT: “Identidade e etnia no Rio Grande do Norte”, com a participação de Estevão Palitot, ainda aluno de graduação. Elaboramos um projeto de extensão: “Tapera: em busca dos lugares de memória”, em parceria com Roberto Airon. Em 2004, organizamos a IV Semana de Antropologia, com o tema “Identidades e Ações afirmativas”, com a participação do professor Nathan Wachtel.

<sup>29</sup> As primeiras orientações de trabalhos sobre a questão étnica começaram a ser defendidas em 2002, com o trabalho de fim de curso de Glória Cristina de Oliveira Moraes. “A farinha em Portalegre” e sua dissertação de mestrado “Entre parentes: cotidiano, religiosidade e identidade na serra de Portalegre – RN” (2005); “A cidade em festa: Nossa Senhora do Ó, contando a sua história” (Flávio Ferreira, 2006); “Identidade, memória e narrativas na dança de São Gonçalo do povoado Mussuca/SE” (Wellington de Jesus Bonfim, 2007); “Nos terreiros da Mutamba da Caieira” (Marilu Albano da Silva, 2008); “Estudo sobre o processo de construção da identidade Fulni-ô” (Eliana Gomes Quirino, 2008); “O zambê é nossa cultura. O coco de zambê e a emergência étnica em Simbaúma, Tibau do Sul – RN” (Cyro Holando Almeida, 2009); “Os Forrós da Serra da Gameleira (São Tomé/RN): Etnicidade, festa e sociabilidade” (Flávio Rodrigo Freire Ferreira, 2009); “Tecendo a vida: a linguagem das mochilas na cosmovisão kággaba (Colômbia)” (Nury Jurado, 2010); “Natureza de mulher, nome de mãe, marca de negra: identidades em trânsito e políticas do corpo na comunidade quilombola de Boa Vista dos Negros” (Ana Gretel Echazu Boschemeier, 2010); “Feliciano da Rocha, o escravo que virou fazendeiro” (Danycelle Pereira da Silva, 2011); “Reconstruindo o passado: a irmandade do Rosário em Acari” (Fábio de Melo Moraes, 2011); “Negro veio é um

sofrer: uma etnografia da subalternidade e do subalterno numa irmandade do Rosário” (Bruno Goulart Machado Silva, 2012); “Os fios da memória: presença afro-brasileira em Acari no tempo do algodão” (Danycelle Pereira da Silva, 2014); “A gente casa porque nasce: um estudo sobre a concepção dos projetos de vida em três gerações de mulheres da Boa Vista dos Negros – Parelhas/RN” (Maria Angela Bonifacio, 2014); “Da maniva ao grolado: práticas produtivas e patrimoniais no processo identitário dos Tremembé de Almofala (CE)” (Canuto Diógenes Saldanha Neto, 2014); “Andanças entre currais, dádivas e políticas públicas: o Programa Brasil Quilombola na comunidade Negros do Riacho em Currais Novos-RN” (Flavia Maria S. Vieira, 2015). Outros trabalhos estão sendo elaborados: “O sabor da memória. Memórias da escravidão no sertão: etnografia e arquivos de Acari/RN”, de Jardelly Lhuana da Costa Santos; “A índia, o santo e os seres sobrenaturais: narrativas sobre a cidade de São Vicente (RN)”, de Sheila Ramos; “Etnoturismo na Lagoa Encantada. Etnogênese Jenipapo-Kanindé/Aquiraz-Ceará” de Josael Jario Santos Lima; “Eu vou falar pra dendê tem homem e tem mulher: a resignificação da tradição da capoeira Angola” de Camila Maria Pinheiro; “Memória e resistência; as Tumbas Afro-Cubanas” de Danycelle Pereira da Silva.

<sup>30</sup> Cf. projetos de pesquisa: Índios e negros no Rio Grande do Norte (2002); Missões, caboclos e espíritos. Patrimônio colonial e memória indígena no litoral sul do Rio Grande do Norte (2004); Identificação e delimitação dos territórios das comunidades quilombolas no estado do Rio Grande do Norte; Cultura e memória étnica no Seridó do Rio Grande do Norte (como colaboradora – 2011); Irmãos e quilombolas. Memória, identidade e festa no Seridó/RN (2013); Memórias da Escravidão no Seridó, RN (2014); Memórias, saberes locais e patrimônios étnicos no Seridó/RN (2016).

<sup>31</sup> A etnicidade encoberta: Índios e negros no Rio Grande do Norte. *Mneme* (Caicó. Online), Caico-Rn, v. 4, n.8, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/167>>. Um primeiro artigo publicado em 1995 aponta para a presença indígena nos registros narrativos: A índia roubada: estudo comparativo da história e das representações das populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte. Caderno de História. Natal, EDUFURN, v.2, n.2, p. 83-92, jul/dez. 1995. Outro artigo se inclui nesta linha: Visões e abusões: patrimônio cultural e questão étnica no Rio Grande do Norte. *Illuminuras*, v. 22/4, 21p, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/9308>>. Na mesma linha, em parceria com Maria Rosário e Edwin Reesink, organizei o livro “Negros no mundo dos índios: imagens, reflexos e alteridades” (EDUFURN, 2011), no qual tenho um artigo: Índios, Negros e Caboclos: identidades e fronteiras étnicas em perspectiva. O caso do Rio Grande do Norte. Natal-RN: UFRN, 2011, p. 195-244). Um texto escrito para uma revista potiguar que retoma as ideias principais: Caboclas brabas e tapuias amansados: uma história mal contada. *Perigo iminente*, v. 2, p. 57-63, 2012. Sobre a questão quilombola, além dos textos já indicados, tem um artigo que retoma a questão quilombola: A dança dos quilombos: reflexões preliminares sobre etnicidade e memória no Rio Grande do Norte. In: SCHWADE, Elisete; VALLE, Carlos Guilherme O. (Org.). *Processos sociais, cultura e identidades*. São Paulo: Anablume, 2010, v. 01, p. 146-195.

<sup>32</sup> Artigos publicados em 2009: Visões e abusões: memória e oralidade como patrimônio imaterial. *Illuminuras* (Porto Alegre), v. 22/4, 2009; Um mundo encantado: memória e oralidade no sertão do Rio Grande do Norte In: Diversidade do campesinato: expressões e categorias (Coleção História Social do Campesinato no Brasil). Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo; Brasília: Unesp; NEAD, IV-1,2009,p.69-94. Disponível em: <[http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Diversidade\\_do\\_campesinato\\_vol2.pdf](http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Diversidade_do_campesinato_vol2.pdf)>; Os lugares da memória: reinos encantados, cruzes e taperas do Seridó-RN. In: SILVEIRA, Flávio Leonel; BELTRÃO, Jeanne. (Org.). *Paisagem e cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém do Pará: UFPA, 2009; Patrimônio cultural e questão étnica no Rio Grande do Norte. In: BARRIO, Angel Espina; MOTTA, Antonio; GOMES, Mário Hélio. (Org.). *Inovação cultural, Patrimônio e Educação*. Recife: Massangana, 2010, p. 107-128. Disponível em: <<http://campus.usal.es/~iiaicyl/MAI/imagenes/publicaciones/livro%20congresso%20Recife%20completo.pdf>>.

<sup>33</sup> Por exemplo, em Caicó, o espírito surge sob as feições de um touro bravo no mufumbal, de uma cobra que mora no poço da cidade ou de uma baleia alojada embaixo da igreja (CAVIGNAC, 2007). Encontramos muitas evocações nas serras de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, no Pico do Cabugi ou nas formações rochosas próximas a Triunfo Potiguar.

<sup>34</sup> Topônimos lembram a presença dos primeiros donos da terra: Pico do Arerê, Boca da

Mata, Serra da Tapuia, Cachoeira, Furna ou Passagem do Caboclo, Rio dos Índios são referências diretas a uma nomenclatura nativa, lugares de refúgio ou acontecimentos históricos.

<sup>35</sup> Para mais informações sobre as representações do passado colonial ver Cavignac, Julie. 1999. Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em antropologia, *Horizontes antropológicos*, 12, p. 245-265.

<sup>36</sup> Os eventos de extensão realizados desde 2012 no Seridó trazem à tona a temática da presença afro-brasileira, tendo suscitado novas reflexões sobre o tema em questão, provocando um debate sobre o acesso a políticas públicas e a questão da igualdade racial. Projetos de pesquisa com financiamento: Memórias da escravidão no Seridó (UNIVERSAL, 2010); As formas da memória: narrativas, rituais e taperas do Seridó antigo (PQ2/CNPq n. 309712/2012-2).

<sup>37</sup> Ao todo, são mais de 100 pessoas que participaram efetivamente do programa: 10 bolsistas, 50 alunos, 10 professores da UFRN, 45 pessoas da comunidade externa que participam regularmente ou que ministram atividades, sem contar o público em geral. Até o ano passado, Ana Elvira de Azevedo cuidou com talento e dedicação do andamento dos processos e da parte operacional do programa; Desde 2012, o programa é coordenado por mim e pelo professor Muirakytan K. de Macêdo, com a participação de professores do DAN (Angela Facundo, José Glebson Vieira), de Rummenigge Rudson Dantas (Escola de Ciências e Tecnologia) e do CERES / Caicó: Helder Alexandre Meideiros de Macedo, Lourival Andrade Junior.

<sup>38</sup> Ver o museu: <<http://museutronco.cchla.ufrn.br/>> e a página facebook do programa: <<https://www.facebook.com/patrimonio.Serido/?fref=ts>>.

<sup>39</sup> Entre 2012 e 2016, foram em média 10 bolsistas por ano. Os principais resultados foram publicados em artigos, capítulos de livros, coletâneas: As voltas da história: terra, memória e educação patrimonial na Boa Vista dos negros. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 42, p. 113-126, 2013; o livro que apresenta os resultados do primeiro programa, organizado com Muirakytan K. de Macedo “Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó Negro” (ed. ABA, EDUFRN, Flor do Sal, 2014) (<http://edufn.org/pages/posts/tronco-ramos-e-raizes-historia-e-patrimonio-cultural-do-serido-negro-1019.php>). Produziu-se três documentários: Dona Chica (2012) de R. Melo [<https://vimeo.com/74682984>]; A cruz da Negra (2013) [<https://www.youtube.com/watch?v=Sy3V-bTG35I>] e Rosário Negro (2015) [<https://www.youtube.com/watch?v=py4v44cJjw0>], ambos realizados por Cécile Chagnaud.

<sup>40</sup> Na França, podemos citar o almoço gastronômico e, no Brasil, os saberes culinários ligados à preparação da Festa de Sant’Ana de Caicó (RN) que foram registrados em 2010.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina do Rego Monteiro. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane Felipe (Org.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra/Associação Brasileira de Antropologia, 2007. p. 263-286.

AJARA, César (Org.). Dynamiques du territoire: la population et les activités économiques. *Problèmes d’Amérique Latine*, 9, p. 45-72, 1993.

ARANTES, Antonio Augusto. *O trabalho e a fala* (estudo antropológico sobre os folhetos de cordel). Campinas: Kairós, FUNCAMP, 1982.

BELMONT, Nicole. *Paroles païennes: mythe et folklore: des frères Grimm à P. Saintyves*. Paris: Imago, 1986.

BOLLEME, Geneviève. *Le peuple par écrit*. Paris: Seuil, 1986.

BOLLEME, Geneviève. *La bibliothèque bleue: littérature populaire en France du XVIe au XIXe siècle*. Paris: Julliard, 1971.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática* – procedido de três estudos sobre etnologia cabila. Oeiras: Celta, 2002.

- BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979.
- BOYER, Pascal. *Introduction à l'analyse des épopées fang: Barricades mystérieuses et pièges à pensée*. Paris: Société d'ethnologie, 1988.
- BOYER, Véronique. Passado português, presente negro e indizibilidade ameríndia: o caso de Mazagão Velho. *Relig. soc.* [online], Amapá, 28, 2, 2008, p. 11-29. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000200002>>.
- BRIVIO, Alessandra. Nos grands-pères achetaient des esclaves. *Gradhiva*, 8, 2008. Disponível em: <<http://gradhiva.revues.org/1188>>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- BROMBERGER, Christian. Ethnologie, patrimoine, identités, *Terrain*, Paris: Maison de la recherche, 2005. Disponível em: <<http://books.openedition.org/editionsms/3906#access>>. Acesso em: 15/03/2011.
- CABANES, Robert. Hommes et femmes entre culture d'entreprise et culture ouvrière. Un exemple brésilien. In: *Salariés et entreprises dans les pays du sud*. Contribution à une anthropologie politique (coll.), 1995.
- CALAME-GRIAULE, Geneviève. *Ethnologie et langage: la parole chez les Dogon*. Paris: Gallimard, 1965.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradições populares da pecuária nordestina*. 2a. ed. Recife: Asa Pernambuco, 1985. p. 23-25.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil*. Rio: José Olympio, 1953.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil*. Brasil; Portugal: Editora Fundo de Cultura, 1967.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História dos nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil*. Melhoramentos, 1976.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Roland no Brasil. *Ocidente*, LXII, p. 70-75, 1962.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradições populares da pecuária nordestina*. 2ª. ed. Recife: Asa Pernambuco, 1985.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. *Rev. Antropol.*, 45, 1, p. 37-78. 2002.
- CAVIGNAC, Julie A. (Coord.). *Relatório antropológico da comunidade quilombola de Boa Vista (RN)*. Natal: Convênio UFRN - INCRA-RN, 2007. (mimeo).
- CAVIGNAC, Julie A. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Natal: Editora da UFRN, 2006.
- CAVIGNAC, Julie A. Índios, negros e caboclos: identidade e fronteiras étnicas em perspectivas; O caso do Rio Grande do Norte. In: CARVALHO, M. R. de; REESINK, E.; CAVIGNAC, Julie A. *Negros no mundo dos índios: Imagens, reflexos, alteridades*. Natal: EDUFRN, 2011. p. 195-244.
- CAVIGNAC, Julie A.; DANTAS, Maria Isabel; Muirakytan K. de; SILVA, Danycelle. O Seridó nas panelas: história, organização social e sistema alimentar. In: CAVIGNAC, Julie A.; WOORTMAN, E. *Ensaio sobre Antropologia da alimentação*. Natal: EDUFRN/ABA, 2016. p. 91-182.
- CAVIGNAC, Julie A.; DANTAS, Maria Isabel; SILVA, Danycelle. Comidas de raiz: a retomada da cultura quilombola no Seridó (Brasil). *Revista Têxtilas*, v. 3, p. 105-139, 2015.
- CAVIGNAC, Julie. A etnicidade encoberta: índios e negros no Rio Grande do Norte. Mneme (Caicó. Online), Caico-RN, v. 4, n. 8, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/167>>.

- CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: Da história escrita ao relato oral*. Natal: Edufrn, 2006. 364p.
- CAVIGNAC, Julie. *La littérature de colportage au nord-est du Brésil*. Paris: éditions du CNRS, 1997. v. 1
- CAVIGNAC, Julie. *Mémoires au quotidien*. Histoire et récits du sertão do RN (Brésil). Nanterre: Université de Paris X, 1994. 3 t.
- CAVIGNAC, Julie. Pour une approche anthropologique des formes poétiques Nordestines (Brésil). *Caravelle*, v. 65, p. 119-142, 1995.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre prática e representação*. Lisboa; Rio: Bertrand Brasil, 1987.
- CIARCIA, Gaetano. L'endogène et le diasporique. *Civilisations*, 62, 2013. Disponível em: <<http://civilisations.revues.org/3312>>. Acesso em: 17 fev. 2014.
- CONCEIÇÃO, Manuel. *Cette terre est à nous*. Paris: François Maspero, 1979.
- CUNHA, Manoela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.
- DANTAS, Maria Isabel. *O sabor do sangue: uma análise sociocultural do chouriço sertanejo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- DOUGLAS, M. *Natural Symbols: explorations in Cosmology*. Londres: Pelikan Books, 1973.
- FABRE, Daniel. La voie des oiseaux: sur quelques récits d'apprentissage. *L'Homme*, 99, p. 7-40, 1986.
- FABRE, Daniel. *Jean de l'Ours: analyse formelle et thématique d'un conte populaire*. Carcassonne: Éd. de la revue Folklore, 1969.
- FAUSTO, Carlos; FRANCHETTO, Bruna; MONTAGNANI, Tommaso. Les formes de la mémoire: Art verbal et musique chez les Kuikuro du Haut-Xingu (Brésil). *L'Homme*, n°197, p. 41-69, 1/2011.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- FISCHLER, Claude. *L'omnivore*. Paris: Odile Jacob (Poche), 2001.
- FISCHLER, Claude. *Pensée magique et alimentation aujourd'hui*. Paris: Cahiers de l'OCHA 5, 1996.
- FLANDRIN, Jean-Luc; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- GALINIER, Jacques; MOLINIÉ, Antoinette. *Les néo-Indiens: une religion du IIIe millénaire*. Paris: Odile Jacob, 2006. 329 p.
- GALINIER, Jacques. La complainte du Maître à tête de Vieux: comment on écrit l'histoire en pays otomi. In: *Mémoire de la tradition*. Nanterre: Société d'ethnologie, 1993. p. 285-297.
- GALINIER, Jacques. *La moitié du monde: le corps et le cosmos dans le rituel des indiens otomi*. Paris: PUF, 1997.
- GARCIA-PARPET, Marie-France. *Le Marché de l'excellence: Les Grands Crus à l'épreuve de la mondialisation*. Paris: Seuil, 2009.
- GONÇALVES, José R. *A obsessão pela cultura*. Rio de Janeiro/São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil/Editora 34, 1996. p. 159-83.
- GONÇALVES, José R. Ressonâncias, materialidade e subjetividades. Culturas como Patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 23, 2005.

- GOODY, Jack. *La logique de l'écriture. Aux origines des sociétés humaine.* Paris: Armand Colin, 1986.
- GOODY, JACK. *La raison graphique: la domestication de la pensée sauvage.* Trad.: Jean Bazin. Paris: Éditions de Minuit, 1978.
- GOODY, Jack. Mémoire et apprentissage dans les société avec ou sans écriture: la transmission du Bagre. *L'Homme*, XVII (1), p. 29-52, 1977.
- GOODY, Jack. Mémoire et apprentissage dans les société avec ou sans écriture: la transmission du Bagre. *L'Homme*, Paris, xvii, 1, p. 29-52, 1977.
- GRUPIONI, Luiz Donisete. *Coleções e expedições vigiadas.* São Paulo: Hui-citec/Anpocs, 1998.
- GRUZINSKI, Serge; BERNAND, Carmen. *L'histoire du Nouveau Monde.* Paris: Fayard, 1990, 1993. v. I e II.
- GRUZINSKI, Serge. *La colonisation de l'imaginaire: sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol xv<sup>e</sup>-xviii<sup>e</sup> siècles.* Paris: Gallimard, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória.* 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEACH, Edmund. Ritual. *International Encyclopedia of Social Science*, 13-14. New York: The Macmillan Company & The Free Press, 1972.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie structurale.* Paris: Plon, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Histoire de lynx.* Paris: Plon, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *L'origine des manières de table.* Paris: Plon, 1968.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mythologiques. Le cru et le cuit.* Paris: Plon, 1964.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane Felipe (Org.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos.* Blumenau: Nova Letra/Associação Brasileira de Antropologia, 2007.
- LOSONCZY, Anne Marie. *Les Saints et la Forêt.* Système social et système rituel des Negro-Colombiens: échanges inter-ethniques avec les Embera du Choco (Colombie). Paris: l'Harmattan, 1992.
- MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 7, 16, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832001000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08/ abr. 2012.
- MANDROU, Robert. *De la culture populaire au XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles.* La bibliothèque bleue de Troyes. Paris: Stock, 1964.
- MATTOSO, Kátia de Queirós; SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos; ROLLAND, Denis (ed.). *Matériaux pour une histoire culturelle du Brésil. Objets, voix et mémoires.* Paris: L'Harmattan, 1999.
- MENASCHE, R.; ALVAREZ, M; COLLAÇO, J. (Org.). *Dimensões socioculturais da alimentação.* Porto Alegre: editora da UFRGS, 2012.
- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. *Revista de Ciências Sociais* 8, Fortaleza, U. F. C. 1-2, 7-87, 1977.
- MENEZES, Marilda. *Histórias de migrantes.* São Paulo: Loyola, CEM, 1992.
- MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. v. 16, n. 47, p. 31-42, 2001. Acesso em: 2 mar. 2012.
- MONOD BECQUELIN, Aurore; MOLINIE, Antoinette (Org.). *Mémoire de la tradition.* Paris: Société d'Ethnologie, 1992.
- NISARD, Charles. *Histoire des livres populaires ou de la littérature de colportage.* Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1113960.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. (Bibliothèque Illustrée des Histoires, t. 1, La République).
- PESTEIL, Philippe. Autour du riacquistu: questions culturelles et politiques en Corse. In: COADIC, Ronan Le (Dir.). *Identités et sociétés de Plougastel à Okinawa*. Presses universitaires de Rennes, 2007. p. 161-185.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2, 3, p. 3-15, 1989.
- POULAIN, Jean Pierre (Org.). *Dictionnaire des cultures alimentaires*. Paris: PUF.
- PROPP, Vladimir J. A. *Morphologie du conte*. Paris: Seuil, 1965.
- PROPP, Vladimir J. A. *Les racines historiques du conte merveilleux*. 2. ed. Traduction de Lise Gruel-Apert, préface de Daniel Fabre et de Jean-Claude Schmidt. Paris: Gallimard, 1983.
- SAHLINS, Marshal. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- SAHLINS, Marshall. Suplemento à viagem de Cook, ou “le calcul sauvage”. In: *Ilhas de História*. Rio: Zahar, 1990. p. 23-59.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *La littérature de cordel au Brésil*. Mémoire des voix, grenier d’histoires. Paris: L’Harmattan, 1997.
- SEVERI, Carlo. Dame Sébastienne et le Christ Fléché: iconographie et mémoire rituelle: le cas du Nouveau-Mexique. *Horiz. antropol.* [online], 14, 29: 43-66, 2008. Disponível em: <scielo.br/pdf/ha/v14n29/a03v14n29.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2010.
- SIGAUD, Lygia. Des plantations aux villes: ambiguïtés d’un choix. *Études rurales*, 131-132, 19-37, 1993.
- SILVA, Bruno G. Machado. *Nego veio é um sofrer: uma etnografia da subalternidade e do subalterno numa irmandade do Rosário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Natal, 2012.
- SLATER, Candace. *Stories on a String: the Brazilian “Literatura de Cordel”*. Berkeley: U. of California, 1982.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (romance armorial-popular brasileiro). Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- TEDLOCK, Denis. On the translation of style in oral narrative. *Journal of American Folklore*, 84, p. 114-133, 1971.
- TEDLOCK, Denis. *The spoken word and the work of interpretation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983.
- WACHTEL, Nathan. *Le retour des ancêtres: les indiens Urus de Bolivie, XXe-XVIIe siècle*. Essai d’histoire regressive. Paris: Gallimard, 1990.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- WOORTMANN, Ellen. F. A comida como linguagem. *Habitus*, Goiania, 11, 1, p. 5-17, 2013.
- WOORTMANN, Ellen. F. Padrões tradicionais e modernização. In: MENASCHE, R. (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006b.
- WOORTMANN, Ellen. F. A lógica e a simbólica dos sabores tradicionais. In: ARAÚJO, W.; TENSER, C. (Org.). *Gastronomia, cortes e recortes*. Brasília: Editora SENAC, 2006a.
- WOORTMANN, Klass. *A comida, a família e a construção do gênero feminino*. 1986.

- WOORTMANN, Klass. Casa e família operária. *Anuário Antropológico* 80, Fortaleza; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFCE, 1982.
- ZONABEND, Françoise. *La mémoire longue*. Temps et histoires au village. Paris: ed. Jean-Michel Laplace, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. *L'écriture et la voix*: littératures populaires, du dit à l'écrit. *Critique*, 394, p. 228-239, 1980.
- ZUMTHOR, Paul. De l'oralité à la littérature de colportage. In: *L'écrit du temps*. Paris: Ed. du Minuit, 1982. p. 129-140.
- ZUMTHOR, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris: Seuil, 1983.